

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

Artigo definido indicativo do feminino singular: A Pole Dance

Kynaê Primon Narciso

Porto Alegre

2022

Kynaê Primon Narciso

Artigo definido indicativo do feminino singular: A Pole Dance

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para conclusão do curso Licenciatura em Dança.

Orientadora: Prof. Dr^a. Mônica Fagundes Dantas

Porto Alegre

2022

“Amar é arte.”

Paulo Gustavo

AGRADECIMENTOS

À minha querida avó Maria Iolanda Carnette Primon que sempre acreditou em mim, me apoiou e subsidiou recursos pra minha formação.

À minha querida mãe Susana Terezinha Primon que me incentivou a seguir meus sonhos com maturidade e que me ensinou sobre resiliência, força e coragem.

Ao meu avô Ângelo Primon por me acolher como filha.

À minha tia Fabiana Maria Primon por estimular minha criatividade desde pequena, meu tio Régis Primon por me ensinar sobre responsabilidade, meu dindo Ângelo Primon Jr por me ensinar sobre independência.

À minha amiga Letícia Dall Agnol e a professora orientadora Mônica Dantas. Aos técnicos, servidores gerais, professores e colegas do curso.

Ao meu psicólogo Tiago Tatton por manter um ser humano funcional durante o processo.

À família Junbeiro por proporcionar a feitura deste trabalho, pelo incentivo e afeto.

Ao estúdio de dança Velvet – Pole & Tease por me acolher e acreditar no meu trabalho.

Às entrevistadas pela simpatia e disponibilidade em participar deste trabalho.

Ao professor do curso de bacharel em geografia Laurindo Guasseli, que incentivou fervorosamente minha transferência para licenciatura em dança.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Printscreen de um registro videográfico de uma tarde de experimentações	5
Figura 2 - performance feita para a fun festa no ocidente bar	6
Figura 3 - timeline da história da pole dance.....	8
Figura 4 - belle jangles	9
Figura 5 - instrutoras de pole dance, seu ano de formação (f) e ano da abertura do estúdio (A).....	11
Figura 6 - storyline da pole dance	12
Figura 7 – Exemplos da relação corpo/barra	18
Figura 8 – variação do sit utilizando hip hold (a); shouldermount princess grip (B)	19
Figura 9 – Registro do fim do giro fireman.....	19
Figura 10 – hot moment com twisted grip (A); sit águia (b)	20
Figura 11 - bodywave.....	20
Figura 12 – the exorcist (a); sit cleo (b).....	21
Figura 13 - sandálias pleaser flamingo (20cm), infinity (22,5cm) e Beyond (25cm)	22
Figura 14 - emancipação do pole esporte	27
Figura 15 - mostra de processo do espetáculo las viudas	35

RESUMO

A Pole Dance é uma prática corporal onde o praticante explora movimentos com e/ou contra uma barra de aço inoxidável, fixa ou giratória, incluindo elementos de chão. Neste trabalho, esta prática é acessada pelo viés artístico, mais precisamente como linguagem artística de dança erótica/sensual, como em seu primeiro momento. A pole dance carece de estudos que propõem olhar para a poética inserida no seu processo criativo e que contribuem para a aproximação do campo de pesquisa acadêmica e artística em dança. Dessa maneira, este trabalho pretende utilizar a noção de poética associada à sensualidade e ao processo de criação para ajudar na aproximação da pole dance ao campo acadêmico e artístico. Para que isso seja possível, a pesquisa utilizou-se de entrevista semiestruturada e depoimentos de colaboradoras a fim de analisar os processos artísticos presentes nas composições coreográficas, revisão bibliográfica nos conceitos de sensualidade, sexualidade e erotismo e inspirou-se no método auto-etnográfico.

Palavras-chave: Dança; Pole dance; Poética; Sensualidade; Processo criativo.

ABSTRACT

Pole Dance is a practice where the dancer explores movements with and/or against a fixed or rotating stainless steel bar, including floor elements. In this work, this practice is accessed from an artistic point of view, more precisely as an artistic language of erotic/sensual dance, as in its first moment. Pole dance lacks studies that propose to look at the poetics inserted in its creative process and that contribute to the approximation of the academic and artistic research field in dance. Thus, this work intends to use the notion of poetics associated with sensuality and the creation process to help bring pole dance closer to the academic and artistic field. For this to be possible, the research used semi-structured interviews and testimonials from collaborators in order to analyze the artistic processes present in the choreographic compositions, literature review on the concepts of sensuality, sexuality and eroticism and was inspired by the auto-ethnographic method.

Palavras-chave: Dance; Pole dance; Poetic; Sensuality; Creative process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	2
1.2 JUSTIFICATIVA.....	3
1.3 OBJETIVO AMPLO	3
1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	3
1.4.1 COLABORADORES	4
1.4.2 AUTO-ETNOGRAFIA	4
2 HISTÓRIA DA POLE DANCE	7
2.1 NO MUNDO (pré-Brasil).....	7
2.2 NO BRASIL	9
2.3 NO RIO GRANDE DO SUL.....	10
2.4 NO MAPA DA DANÇA	12
2.5 NA ACADEMIA.....	12
2.5.1 UMA NOVA ÁREA DE PESQUISA	14
2.6 NO CAMPO ARTÍSTICO DA DANÇA	14
2.6.1 STRIPPER STIGMA.....	15
3 POLE DANCE: DEMARCAÇÕES	17
3.1 VERTENTES	21
3.2 POLE <i>FITNESS</i> OU ESPORTE	23
3.2.1 ESPORTIVIZAÇÃO DA POLE DANCE.....	23
5 DANÇA E POÉTICA.....	28
5.1 POLE DANCE, POÉTICA E PROCESSO DE CRIAÇÃO	29
6 SENSUALIDADE COMO POÉTICA	31
11 CONCLUSÃO.....	36
12 REFERÊNCIAS	37
APÊNCIDE A - ENTREVISTA.....	41
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1	42
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2	51
ANEXO I.....	55

1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que vi uma performance de *Pole Dance*¹ foi em 2016 no Von Teese Bar. Era um evento chamado Pole & Tease coordenado pela dupla burlesca *Brigittes* formada por Lou Ann D'von e Bianca Deleite. O evento tinha participação de outros artistas da comunidade burlesca e *polerina*². O famoso bar normal da cidade, dono de uma atmosfera *vintage* e aconchegante, tinha um palco circular com um pole no meio, ficava no canto do bar. Sentei-me em uma das mesas perto do palco com um drink. De repente, as luzes do bar diminuíram, aumentou o som e eu vi. Eu vi aquela mulher imensa, pernas longas, braços longilíneos, bota preta vinílica que parava nas coxas, pele bronzeada e lingerie preta. Ela sobe no palco como um furacão enquanto toca um *Rock'n'Roll*. Joga para um lado e para o outro os longos cabelos pretos. Tira as poucas peças de roupa que possuía e se joga no chão. Faz movimentos leves, firmes, sensuais e que exigem muita força. A música acaba e com ela a performance. Eu acabara de assistir Lidiane Scascia. Eu simplesmente não tinha palavras para o que recém tinha visto. A emoção me toma de uma maneira tão intensa que eu começo a chorar. E foi assim durante muito tempo, eu assistia a uma performance de Pole e desatava a chorar. Minhas amigas riam de mim, mas aquilo me tomava profundamente. Era amor na sua forma mais pura.

A convite de Bianca Deleite fiz minha primeira aula de pole no Velvet – Pole & Tease. Eu precisava de companhia para fazer a aula, pois tinha muita vergonha, não de ficar de calcinha e sutiã, mas de fazer algum movimento errado. Desisti nos dois primeiros meses. Porém, a pole me chamou de volta e dessa vez eu mergulhei. Mergulhei num processo lindo e dolorido de autoconhecimento, emancipação e reafirmação da minha força, não só física. Adentrei um lugar subjetivo onde só há liberdade e amor.

Passei de aluna para instrutora e de instrutora para pesquisadora. Criei Narciso, personagem não-binária que utiliza a sensualidade como poética. Comecei a ser reconhecida dentro do curso de Licenciatura em Dança como “aquela que faz Pole Dance”. Consegui muitos trabalhos através da pole dance. E, com o tempo, cada vez mais fiquei ciente dos pontos fracos da pesquisa em Pole Dance, cada vez mais ciente da posição das danças sensuais e eróticas no campo de pesquisa acadêmica em dança. Foi então, com essa vontade de fortalecer a pole dance no campo da dança e no meio acadêmico, que iniciei este trabalho.

¹ Durante o trabalho, irei me referir à pole dance em letras minúsculas e sem itálico para facilitar a escrita e leitura.

² Como se autodenominam as bailarinas de pole dance.

1.2 JUSTIFICATIVA

Assim como no Brasil, o Rio Grande do Sul carece de registros sobre o surgimento e a difusão da Pole Dance no estado. As especulações são passadas de geração em geração de instrutores falhando em desenhar uma linha do tempo. Aqui repousa uma tentativa de organizar os eventos e pessoas que contribuíram para sua consolidação no Rio Grande do Sul. Além disso, um dos pontos que dificulta a aproximação da pole dance ao campo da dança é o seu recente entendimento como dança e como campo de pesquisa acadêmica. Também há a questão da exposição de quem pratica, assim chamado de estigma da *stripper* por causa da sua origem. Dessa maneira, tentou-se reunir e alargar as informações sobre a Pole Dance estimulando a sensação de pertencimento à comunidade da dança. Essa sensação de pertencimento, que é dificultada pela falta de informação sobre sua trajetória, somada à escassez de pesquisas que aproximam a Pole Dance do campo da dança ocasiona a falta de argumentos que reafirmem a importância da dança em questão implicando, então, no distanciamento do campo de pesquisa em dança. Entendendo a Pole Dance como uma dança imbuída de poética e intenção que perpassam o processo de criação, pretende-se aqui contribuir para a cena local e enriquecer a pesquisa da Pole Dance aproximando ela ao campo artístico da dança e ao meio acadêmico através da noção de poética.

1.3 OBJETIVO AMPLO

Deseja-se com este trabalho apontar a poética como fator que está assistindo o processo de aproximação da pole dance ao campo da dança.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elencar os motivos que distanciam a pole dance do campo acadêmico da dança;
- Afirmar a pole dance como um fazer artístico aplicando o conceito de sensualidade como camada poética no processo de criação;

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com caráter exploratório e abordagem qualitativa, esta pesquisa procura estabelecer um embasamento teórico sobre o panorama da Pole Dance apoiando-se em pesquisas existentes nas áreas filosofia, educação física, fisioterapia e dança, a fim de identificar o status da pole dance

no campo acadêmico da dança. A partir disso, utilizo depoimentos e entrevistas semi-estruturadas como procedimentos de coleta de informações e construção de dados que nos ajuda a entender a poética existente no processo criativo em pole dance e aproximá-la do campo acadêmico de pesquisa em dança. Em seguida, reuni materiais que pudessem contribuir com a ideia de aproximar a Pole Dance da noção de poética. Estes materiais nos ajudam, então, a entender conceitos de sensualidade, erotismo e sexualidade. Este trabalho também é atravessado pela pesquisa e experiência individual da autora. Dessa forma, aproveito-me da metodologia auto-etnográfica como inspiração para escrita.

1.4.1 COLABORADORES

Para auxiliar na construção da linha do tempo no Rio Grande do Sul, reuniu-se colaboradoras que já têm nome e estúdio consolidados e que são referência na prática. Desta forma, utilizou-se a multiplataforma de mensagens instantâneas *WhatsApp* e a rede social *Instagram* para fazer o contato. As colaboradoras foram questionadas sobre o ano e instrutor de sua primeira capacitação em Pole Dance e o ano de inauguração do seu estúdio. Foram elas: Grazy Brugner, Ligya Britto, Gigi Octave, Letícia Telles, Clau Borba, Gisah, Ligia de Jesus e Bianca Brochier.

Num segundo momento, selecionou-se duas colaboradoras representantes das vertentes *fitness* e *classique* para entendermos o processo de criação coreográfica. Com elas, marcou-se uma entrevista semi-estruturada (anexo I) através da plataforma de reuniões online Zoom, com duração de 20 a 40 minutos.

1.4.2 AUTO-ETNOGRAFIA

Eu absolutamente não poderia escrever este trabalho sem mim. Por isso, entra aqui a inspiração da metodologia auto-etnográfica. Como conceitua Fortin (2009), a auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si. (FORTIN, 2009)

Diante do estado bailarina-pesquisadora, ao encontrar-me com a Pole Dance, permite-me explorar movimentos na relação corpo/barra/chão. Iniciei com registros onde pude analisar meus movimentos, selecioná-los, descartá-los ou voltar a investigá-los. Esse sistema tornou-se parte do meu processo de criação e investigação de movimento. Outra fonte de pesquisa

marcante no meu percurso foi a presença de espelho. Através do reconhecimento da estética dos movimentos da pole dance por mim absorvidos e, por sua vez, visualizados no espelho e sentidos no corpo, iniciei uma jornada de autoconhecimento pela sensualidade, questionando a minha própria sensualidade e o que eu considerava ser sensual. Estas reflexões, então, me encaminharam para uma pesquisa bibliográfica autônoma acerca dos conceitos de sensualidade, sexualidade, erotismo e poética.

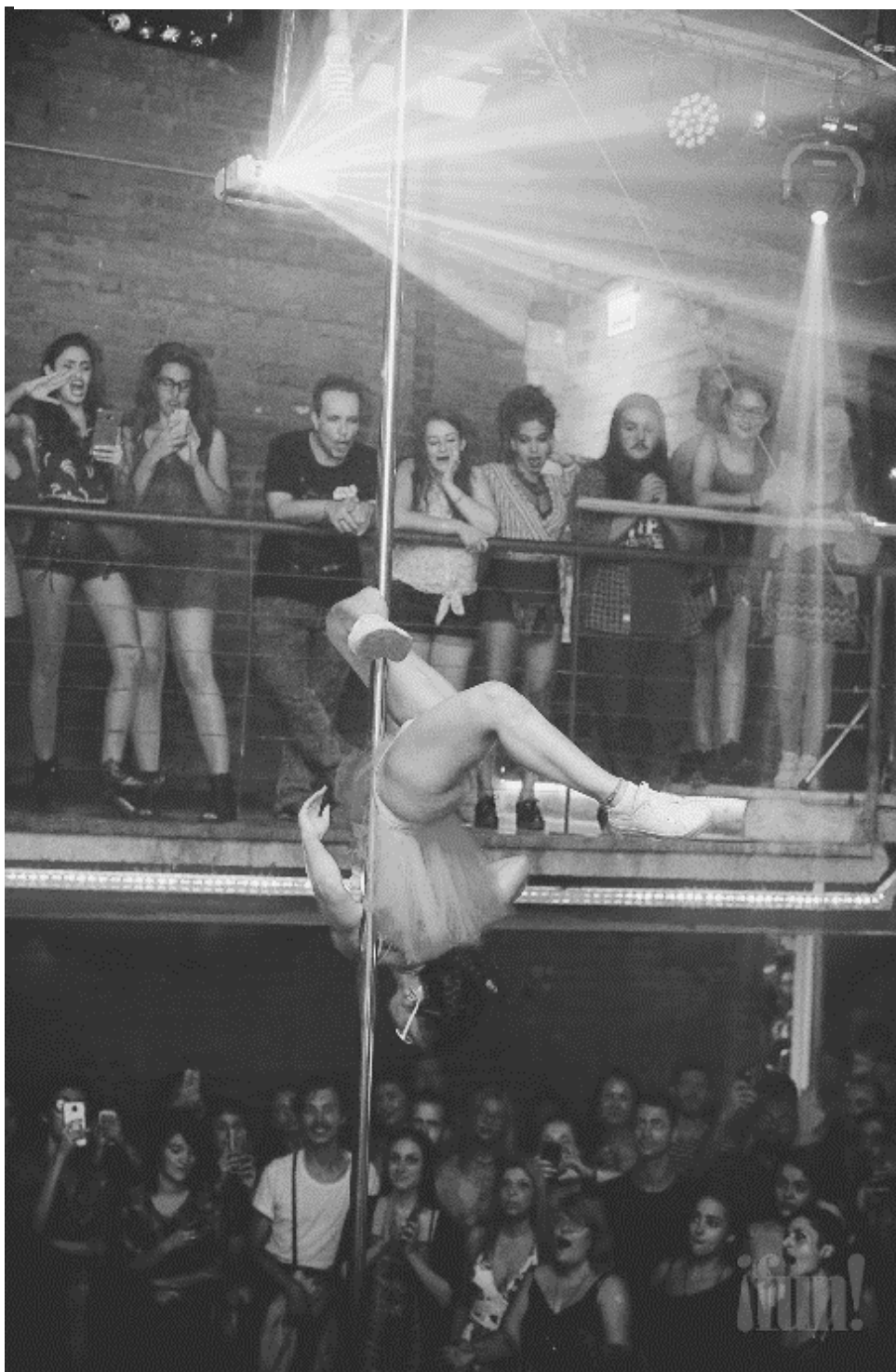
FIGURA 1 - PRINTSCREEN DE UM REGISTRO VIDEOGRÁFICO DE UMA TARDE DE EXPERIMENTAÇÕES



Fonte: Arquivo pessoal

A partir desse processo de autoconhecimento que nasceu Narciso, que é parte de Kynaê e investiga sua sensualidade. É com essa personagem que então adentro a outra parte da experiência da pole dance.

FIGURA 2 - PERFORMANCE FEITA PARA A FUN FESTA NO OCIDENTE BAR



Fonte: Arquivo pessoa
Foto: @4tshenriq

A outra parte da experiência da Pole Dance é a participação em mostras e performances em bares. Enquanto as performances em bares e festas estão um pouco mais livres no que se diz respeito a coreografia, utilizando na maioria das vezes o improvisado (*freestyle*), a apresentação em mostras necessita uma dedicação diferente, de investigação e composição coreográfica. Estas mostras, por vezes, contam com a participação de personalidades relevantes para a comunidade da pole dance. Assim, as trocas verbais são partes atrativas destes festivais, como debates, palestras, entre outros. Outro lugar interessante são eventos burlescos. Nestes eventos, assim como nas mostras e festivais de pole dance, há a possibilidade de participar de discussões sobre tudo o que compreende o burlesco. A participação como bailarina nestes eventos, abre espaço para aplicar e conhecer novos processos criativos como artista, bem como, questionar a relevância da poética da sensualidade.

2 HISTÓRIA DA POLE DANCE

O cruzamento de informações contidas em trabalhos acadêmicos e artigos jornalísticos me possibilitou a confecção de uma linha de tempo da consolidação do Pole Dance pré-Brasil, no Brasil e no Rio Grande do Sul.

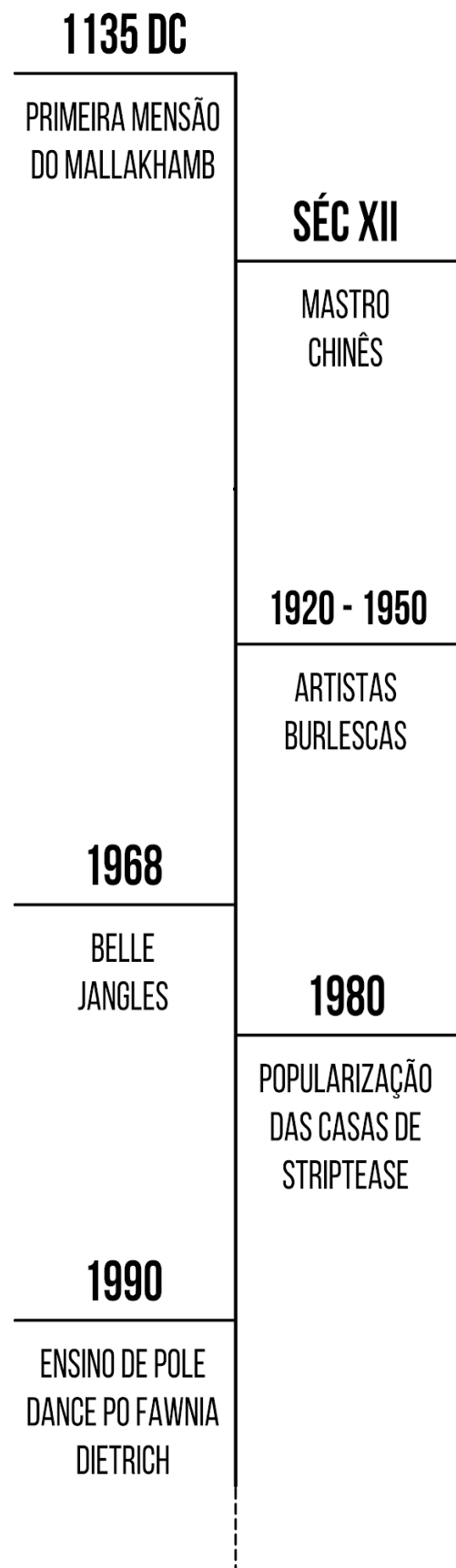
2.1 NO MUNDO (PRÉ-BRASIL)

A origem da Pole Dance é motivo de divisão na comunidade polerina. Uma parte da comunidade acredita ser originária de uma prática masculina indiana. Já a outra parte da comunidade, aceita ser oriunda dos clubes de *striptease*. Não se descarta aqui a possibilidade de influências destas práticas masculinas nas figuras aéreas, mas este trabalho apoia-se na perspectiva de que a Pole Dance, como se apresenta atualmente, ascende dos clubes de *striptease*.

Como comentado acima, uma parte da comunidade acredita que a pole é originária da prática indiana *Mallakhamb*. Esta prática é realizada num poste de madeira e seus praticantes exibem figuras aéreas com inspirações em ioga e ginástica. De acordo com a enciclopédia livre, Wikipedia (2021), sua primeira menção foi em sânscrito no ano de 1135 dC. Esta mesma porção da comunidade também vê o *Mastro Chinês* como possível nascimento da pole dance. Desta vez, o poste é de ferro emborrachado e os praticantes sobem e descem executando acrobacias. Segundo o site da fabricante de barras para pole dance Gaia (2019) a origem desta prática está localizada em alguma parte 1800. Ambas as práticas são majoritariamente realizadas por homens. E aqui repousa o argumento da outra parte da comunidade polerina. Além de ter um contexto esportivo, a pole dance se difere em poética e intenção destas duas práticas. O *Mallakhamb* e o *Mastro Chinês* como berço da Pole Dance é mais bem aceito pela comunidade do *Pole Fitness* ou *Pole Sport*.

A Pole Dance, como conhecemos hoje em poética e intenção, deu seus primeiros sinais em 1920 com o "Hoochie Coochie", uma expressão que se refere a movimentos "sexualmente provocativos". Rich-D (2012) define a expressão "*Hoochie Coochie Girl*" como "termo utilizado pelo *Carnival Barkers* para descrever dançarinas seminuas que se apresentavam em shows paralelos". O Gaia Pole (2019) nos explica a relação dessas dançarinas com a pole dance:

FIGURA 3 - TIMELINE DA HISTÓRIA DA POLE DANCE



[...] somente na década de 20 surgem as dançarinas eróticas *Hoochie Coochie*, fazendo suas apresentações utilizando os postes próximos ao palco, que serviam de sustentação para a tenda, como parte do show. Com o passar dos anos a prática se transferiu das tendas para os bares noturnos com o espetáculo *Burlesque* na década de 50. Os bares se tornaram então as boates de *stripper*.

A partir de 1920, então, a cultura Burlesca abraça a Pole Dance e a prática ganha popularidade entre as artistas. Mas foi só em 1968, com a performance de Belle Jangles (figura 2) no clube de *striptease* *Mugwump*, em Oregon, que as acrobacias foram introduzidas. (Pole Dance Brasil *apud* Pereira, 2015). Neste momento, começamos a visualizar o agregado de elementos que formam a pole dance como é vista hoje.

FIGURA 4 - BELLE JANGLES



Fonte: Twitter @jimgoad

De agora em diante, com força na década de 80, a prática começa a se popularizar nas casas de *striptease* e pelo mundo. É então que em 1990, a *ex-stripper*, atleta e instrutora canadense Fawnia Monney-Dietrich lança o primeiro DVD educativo em Pole Dance.

2.2 NO BRASIL

A Pole vai se popularizar no Brasil somente em 2007 com a novela *Duas Caras*, onde a atriz Flávia Alessandra interpreta uma *stripper*. Flávia foi treinada por Alexandra Valença.

Alexandra, até então bailarina de dança de salão, iniciou seus estudos em pole dance em 2005, após ter conhecido uma *stripper* tcheca. Autodidata, conta que usava o poste da frente da sua casa para treinar.

A partir deste marco, em 2008, Grazy Brugner e Ligya Britto, pioneiras no ensino de Pole Dance no Brasil, fazem sua formação na Argentina. Neste mesmo ano, ambas inauguram seus estúdios de pole dance e iniciam a capacitação de outros instrutores. Porém, Grazy se torna um nome importante na formação de instrutores no Rio Grande do Sul.

Seguindo sua expansão, pela primeira vez a Pole Dance ocupa o ambiente acadêmico como curso de extensão ministrado por Grazy Brugner em 2013 na cidade de Curitiba, Paraná.

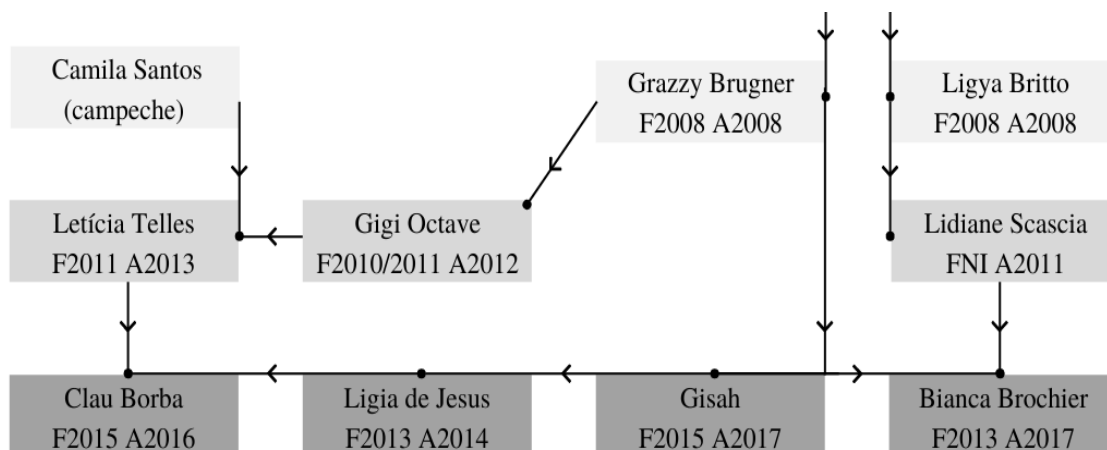
2.3 NO RIO GRANDE DO SUL

Como dito anteriormente, Grazy Brugner é responsável pela capacitação da primeira geração de instrutores no Rio Grande do Sul. Por falta de regulamentação, Grazy cria e registra uma metodologia própria de ensino em Pole Dance. Aquelas pessoas capacitadas em pole dance se autodenominam instrutores de pole. São algumas delas: Lidiane Scascia (não informado) e Gigi Octave (2010).

Em 2011, Lidiane abre seu primeiro estúdio de dança denominado *High Heels* e, por consequência, o primeiro estúdio de Pole Dance no Rio Grande do Sul, tornando-se grande referência para os que viriam depois. Logo em seguida, em 2012, Gigi Octave inaugurou seu estúdio, *Pole Stars*, o segundo do Rio Grande do Sul. Gigi junto com Letícia Telles, instrutora formada por Camila Santos (SC), criaram o I Festival Gaúcho de Pole Dance em 2012. Letícia Telles, por sua vez, faz sua primeira capacitação em 2011 e abre seu estúdio em 2013, chamado Letícia Telles *Pole & Chair*

A partir destes eventos, temos um hiato e uma segunda geração de instrutores é formada. Estes vão ter seus estúdios abertos a partir de 2016. Além de também serem capacitados por Grazy, algumas recebem uma formação continuada de suas referências/mentoras/instrutoras. São elas: Bianca Brochier (2013); Clau Borba (2015) e Gisah (2015).

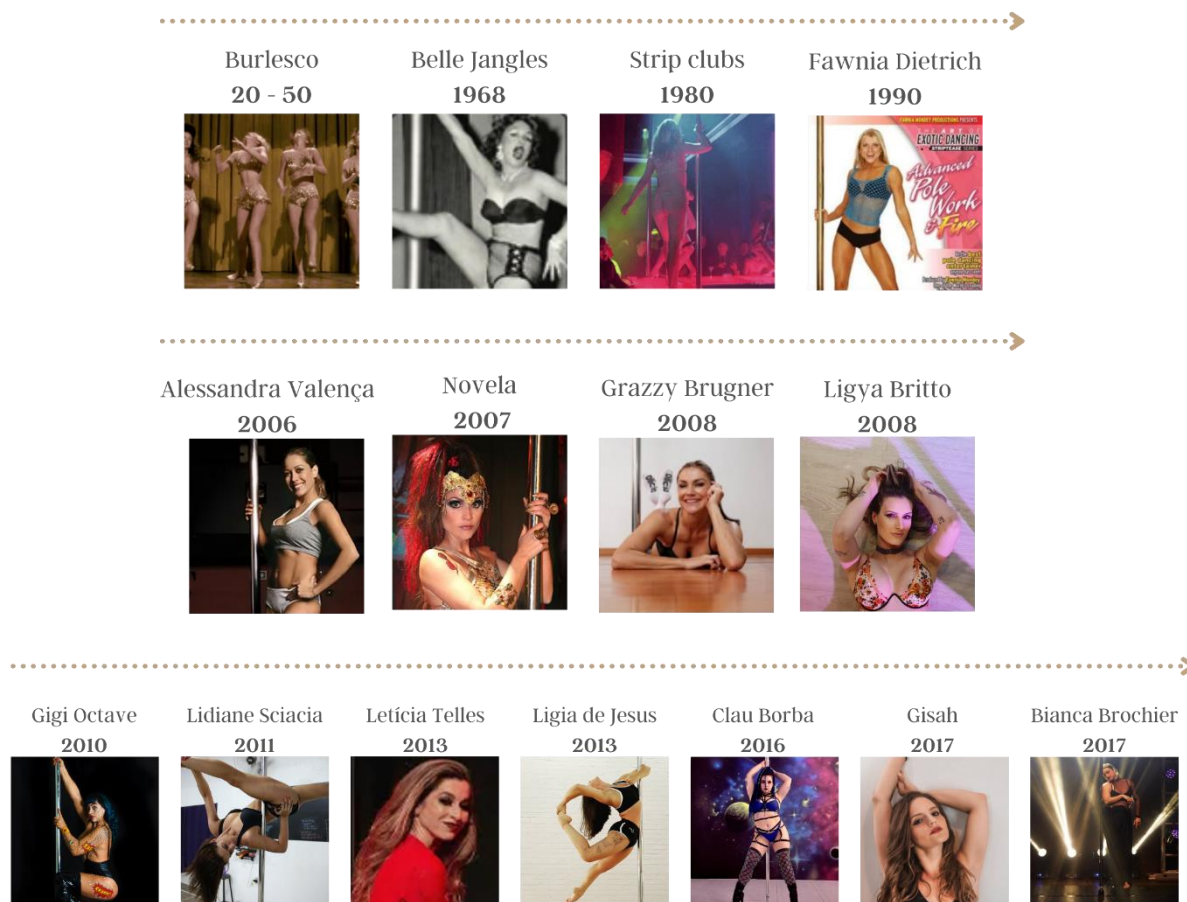
FIGURA 5 - INSTRUTORAS DE POLE DANCE, SEU ANO DE FORMAÇÃO (F) E ANO DA ABERTURA DO ESTÚDIO (A)



Fonte: Arquivo pessoal

Bianca recebeu uma formação continuada de Lidiane Scascia no estúdio High Heels, pois ela foi sua primeira instrutora e mais tarde sua mentora. Bianca faz sua capacitação com Grazyzy Brugner em 2013 e abre seu estúdio intitulado Velvet - Pole & Tease, em 2017. Ainda em 2013, Lígia de Jesus faz sua primeira capacitação também com Grazyzy Brugner, abrindo seu estúdio logo depois em 2014. Clau Borba segue o mesmo caminho. Recebendo uma formação continuada de Letícia Telles, Clau faz sua capacitação com Grazyzy Brugner em 2015 e inaugura seu estúdio de dança denominado Clau Borba Pole Dance Studio em 2016. Gisah capacitou-se em 2015 com Grazyzy Brugner e abre o Secret Pole, seu estúdio, em 2017. Daqui em diante, novos instrutores recebem formação continuada e acabam virando instrutores de seus próprios estúdios.

FIGURA 6 - STORYLINE DA POLE DANCE



Fonte: Arquivo pessoal

2.4 NO MAPA DA DANÇA

É comum a presença de uma independência entre os campos artístico e o acadêmico. É o caso da pole dance. Há uma certa independência nas produções de ambos os campos, entretanto, em alguns momentos, como este, os dois campos se interseccionam e se comunicam. Neste capítulo, tento reunir, de modo generalizado, trabalhos acadêmicos e obras artísticas que abordem a pole dance como linguagem de dança sensual e/ou erótica e que utilizem a noção de poética associada à prática.

2.5 NA ACADEMIA

Para descobrir a localização da pole dance no mapa do campo acadêmico da dança, precisei fazer um reconhecimento de área que consistiu em procurar trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre a prática em questão. Entre trabalhos nativos e estrangeiros, tive a seguinte visão:

TABELA 1 – TRABALHOS SOBRE POLE DANCE POR CAMPO DE PESQUISA

Lugar	Campo	Nº de artigos
1º	Filosofia	6
2º	Educação física	5
3º	Dança	2
3º	Artes	2
4º	Jornalismo	1
4º	Design	1
4º	Psicologia	1

Fonte: Arquivo pessoal

A área com mais trabalhos sobre pole dance é a Filosofia/Antropologia totalizando 6 trabalhos. Os trabalhos trazem reflexões acerca de corpo e gênero, fazendo intersecções com espaço e significações da prática. Eles também abrilhantam a discussão sobre a separação do pole esporte e da pole dance. Em segundo lugar, estão os trabalhos do campo da educação física. As pesquisas aqui usadas diferem um pouco entre si. Elas trarão a questão corporal, como na área da filosofia/antropologia, mas através de uma lente cinesiológica justificando a pole dance como esporte e defendendo o acompanhamento indispensável de um profissional da educação física. Além disso, falam sobre os significados da prática para as alunas. Em artes, observamos trabalhos levantando questões de imagem corporal e identidade das mulheres praticantes, enquanto outros tentam aproximar a prática aos estudos do movimento criado por Rudolf Laban. Por fim, o trabalho em jornalismo vai retomar as significações da pole dance para suas praticantes, o design vai abordar a marginalização da figura feminina e a psicologia vai levantar as discussões culturais acerca da pole dance. Em uma visão geral, então, podemos afirmar que os trabalhos sobre pole dance vão levantar questões principalmente sobre corpo, gênero e questões culturais que orbitam esta temática. Mas destaco o esforço de ambos os trabalhos no campo de pesquisa em dança que procuram aproximar a pole dance dos estudos de Laban a fim de ajudar na sua legitimação como linguagem de dança.

Dos dezoito trabalhos citados acima, dois pertencem ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Ambos abordando corpo e gênero na pole dance. Se tratando da Licenciatura em Dança da UFRGS, não houve resultados quanto à palavra-chave “pole dance”, exemplificando os poucos trabalhos acadêmicos que aproximem a pole dance do campo de pesquisa acadêmica em dança e que pesquisem sobre seus processos criativos e, ainda, que tomem a sensualidade como uma camada poética. Mas por que temos este cenário?

2.5.1 UMA NOVA ÁREA DE PESQUISA

A pole teve seu primeiro contato com o ambiente acadêmico somente em 2013 através da educadora física e polerina Grazy Brugner por meio de um curso de extensão ministrado por ela. Como pudemos notar anteriormente, em sua maioria, os trabalhos acadêmicos acerca da pole dance, além de poucos, focam nos benefícios físicos e psicológicos da pole dance na vida das mulheres praticantes, essencialmente alunas. Outros trabalhos se atêm à discussão da pole dance *versus* pole esporte, colocando a categoria esporte como um esforço de legitimação que poderia favorecer ambas as práticas. De fato, apenas dois trabalhos se dedicam a aproximar a pole dance ao campo da dança. Ambos fazem isso através dos estudos de Laban. Desta maneira, podemos entender que um dos pontos que dificulta a aproximação da pole dance ao campo da dança é o seu recente entendimento como dança e como campo de pesquisa acadêmica.

2.6 NO CAMPO ARTÍSTICO DA DANÇA

Com o que observamos até este momento, a pole dance é uma expressão artística relativamente nova e originária de artistas burlescas cuja performance sensual ao redor dos mastros das tendas se popularizou entre as artistas. Ao longo do tempo, técnicas e novos movimentos foram introduzidos à prática a tornando o que é hoje. Somente nesta porção de frases podemos elencar alguns dos, se não os principais motivos que dificultam a legitimação da pole dance.

Nós já observamos a presença da pole dance em competições esportivas. Sobre isso, Gigi Octave (2020) contesta o fato do Pole Esporte ter colocado a pole dance “em uma caixinha comercial e socialmente aceitável”. Ao relatar sua participação em um evento de pole dance, coloca que os campeonatos esportivos “sem exceção, tinham um formato similar e massacrante de campeonatos” e completa dizendo perceber “que a diversão estava perdida, principalmente nas cenas seguintes que incluíam tabelas, planilhas, descontos e que nada valia além da perfeição”. Explica que essa foi a motivação para criar o I Festival Gaúcho de Pole Dance e Artes. Este festival passa a ser um marco na história gaúcha da pole dance, direcionando os olhares para além da técnica e das capacidades biomotoras e ressaltando o viés artístico dessa dança.

Dessa maneira, a respeito das produções artísticas podemos destacar o aparecimento de mostras artísticas e festivais de pole dance. Destaca-se o Festival Mineiro de Pole Dance, Festival Pole Glamour e Exotic, Rio Pole Fest, Pole Theatre Brasil, Festival de Pole Dance de

Santa Maria, Festival Gaúcho de Pole Dance e Artes, Resistance Pole Extravangaza e Lúdica Pole Festival. Sendo os últimos quatro festivais de grande importância para o campo artístico da pole dance gaúcha. Outros eventos gaúchos que também merecem destaque pelo esforço de abrir espaço para expressões artísticas de pole dance são: Open Pole (Vonteese Bar) e Confraria do Pole Dance (Valen Bar).

Ao falarmos de produções artísticas em formato de espetáculo de dança, houve apenas três resultados. Usei a plataforma online de vídeos *Youtube* e a rede social *Instagram* com as combinações de palavras: espetáculo+dança+pole+dance, espetáculo+de+pole+dance, pole+dance+espetáculo.

Como resultado apareceram dois espetáculos no formato mostra artística. São eles: Espaço Alfa, situado em Florianópolis – SC, com Espetáculo Pole Dance Décadas (2017) e Studio Elô Alcântara, situado em Curitiba – PR, com o espetáculo Brasilidades (2017). Já o terceiro resultado nos direcionou para o Grupo Ares com o espetáculo Bruta Flor que trata sobre a resiliência feminina. Entretanto, o Grupo Ares, assim como seu espetáculo, conversa com diferentes linguagens de danças aéreas e circo, sendo uma delas a pole dance.

Para o Rio Grande do Sul não houve resultados para obras artísticas no formato espetáculo de dança que trouxessem a pole dance como principal gênero de dança. Me pergunto: O que enfrenta a pole dance ao querer entrar nos teatros como espetáculo de dança? É necessário que se ocupe lugares “formais” de dança para valorizarmos a pole dance ou podemos valorizá-la no seu próprio espaço e contexto?

2.6.1 STRIPPER STIGMA

De natureza sensual e/ou erótica, a pole dance, quando já reconhecida como, se popularizou nas boates de *striptease*. A prática tinha como objetivo contribuir na sedução dos clientes a fim de garantir o lucro das *strippers*. Hoje, o estigma da *stripper* não se descolou da pole dance. Os relatos contidos em alguns trabalhos aqui usados, ainda são de esforço em afastar a imagem da prática desta origem. Essa associação, quase que automática, motivaria a desvalorização da pole dance. Muito pela noção de que o trabalho sexual ou que envolve a sexualidade de alguma maneira, é indesejável, associando a mulher que dança à uma pessoa vulgar e não merecedora de crédito. Por isso, a prática é muitas vezes atingida pelas relações de poder instituídas culturalmente delegando o que cabe a cada gênero, neste caso binário. Cury (2018) traz a noção de espaços públicos e privados e sua relação com as expectativas de cada gênero.

A dicotomia público/privado separou homens e mulheres em espaços específicos, sendo o lugar da mulher (devido a suas características femininas “naturais”) como o espaço da maternidade, doméstico, lar, a casa, o cotidiano e o lugar do homem (devido a suas características masculinas “naturais”), o mundo público e político. Assim, homens e mulheres foram demarcados pelos espaços que ocupam em ações específicas, delimitadas pelo seu sexo. (CURY, 2018)

O espaço privado simboliza a pureza, o recato, a fidelidade e a domesticidade, além de implicar na exclusão da mulher das atividades públicas e políticas, identificadas como masculinas. Além disso, a ideia da passividade da mulher indica que a sexualidade não deve ser vivenciada como busca do prazer. Assim, a estrutura patriarcal organizou formas de vivência da sexualidade a partir de critérios diferenciados para o homem e para a mulher. O desejo sexual fora da moral convencional constitui uma transgressão grave para a mulher (NOVELINO, 1998 *apud* CURY, 2018).

Sob essa perspectiva, a mulher, que desnuda ocupa o espaço público, carregaria em si uma atração, objetificação do seu corpo e o esvaziamento de seu valor. Homens cis ocupariam um lugar de liberdade de exploração sexual, enquanto a sexualidade e o erótico da mulher cis, neste caso, é formatado para uma inibição e quando ultrapassado é motivo de repreensão. Ou seja, todo o poder que emerge da emancipação do autoconhecimento e da noção da capacidade erótica e sexual é reprimido pela construção da binaridade heteronormativa sustentada pelo patriarcado. Audre Lorde traz potentemente reflexões sobre o uso do erótico como poder:

O erótico tem sido frequentemente difamado pelos homens, e usado contra as mulheres. Tem sido tomado como uma sensação confusa, trivial, psicótica e plastificada. É por isso que temos muitas vezes nos afastado da exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo isso com seu oposto, o pornográfico. [...]

O erótico é um lugar entre a incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso íntimo de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar. Porque uma vez tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento e reconhecido seu poder, não podemos, por nossa honra e respeito próprio, exigir menos que isso de nós mesmas. (LORDE, 2019)

Esta noção de que quem dança a pole dance se expõe conscientemente e que está exercitando o seu poder erótico como fonte de autoconhecimento acompanha a prática de artistas. Quando colocamos sob a ótica da performance, a arte erótica é reconhecida posicionamento político. Andreolli (2010) utiliza a perspectiva dos Estudos Culturais de Canclini (2005), onde compreende a dança como uma produção (e um processo) cultural onde se encontram atravessadas lutas políticas em torno dos muitos significados que os diferentes discursos e representações culturais procuram inscrever nos nossos corpos. Assim, será que a dança por vezes reproduz aquilo que constituem culturalmente o que é “feminino” limitando os usos dos corpos que se identificam neste “feminino”? O que pode no palco o corpo que habita o feminino?

Se, por um lado, a presença feminina é explorada como um chamariz de público, por outro viés, a mulher muitas vezes tomou o espaço da cena para exercer sua voz política, construindo um campo de possibilidades através do exercício da atuação. A sensualidade e o erotismo são usados tanto por produtores espertos quanto por atrizes perspicazes que encontram no exercício de produção de erótica um lugar de afirmação de diferença. (SAIDEL, 2013)

A sensualidade e/ou erótico em cena é uma escolha, é caminho, é protesto, é poética. Reconhecer-se artista que utiliza a sensualidade como poética ainda é um discurso que está engatinhando. Visualizamos e sentimos, como artistas da pole dance, a falta de espaço e valorização dessa prática como dança que traz a poética da sensualidade e a utiliza como potência de pesquisa corporal. Habitar um lugar de artista de pole dance ainda é estranho. Bianca (2021), por exemplo, nos diz que sente o lugar de artista como algo inexistente. Ressalta que não se tem circuito para isso. No fim, traz questões importantes: “Onde é que eu to fazendo essa arte? Pra quem eu to mostrando essa arte? Em que espaços ela está acontecendo?”

3 POLE DANCE: DEMARCAÇÕES

Entende-se por linguagem, qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. Uma vez que a dança é uma forma de expressão artística, poderíamos entendê-la como forma de comunicação não-verbal. Logo, uma linguagem que tem o corpo como principal meio de expressão. Andreolli (2010) diz que a dança, como qualquer outra prática social, pode ser vista como constituída *na* e *pela* linguagem, isto é, pelos discursos e pelas representações que fundam e dão sentido à vida social. Por utilizar o corpo como parte principal da sua mensagem estética, a dança está fortemente implicada nos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo.

Como qualquer língua, algumas danças possuem regras. Em uma interpretação pessoal da fala de Bianchini (2019), poderíamos chamar de linguagem de dança aquelas que já possuem seus sistemas, regras e fundamentos específicos bem consolidados. Para conseguir identificar se uma dança é linguagem, ele propõe reconhecer dentro da representação mais pura desta dança, o que é vocabulário e o que é fundamento. A partir desta investigação, perguntamo-nos se quando retiramos um destes elementos a dança é afetada ao ponto de ser apagada ou não é afetada. Segundo ele, quando encontramos um elemento que é essencial para a dança ser identificada, encontramos um elemento fundamental, caso contrário, estaremos olhando para um vocábulo.

Desta forma, conforme a ideia de Bianchini, poderíamos dizer que os elementos fundamentais de uma dança são as bases, os princípios e o vocabulário são “passos que existem tradicionalmente nesta dança”. Assim, propõe-se como **elementos fundamentais da pole**:

1. **Corporeidade (relação com a barra)**: a dinâmica e ajustes necessários na relação copo/barra, corpo/chão e corpo/barra/chão. O “constante atrito da pele com a barra e forças do corpo contra a barra que também afetam a pele”. (SILVA, 2014) A organização do corpo na vertical e nas inversões. A necessidade de adaptação corporal, que está associada a riscos que são potencializados pela ação de gravidade gerando uma relação de medo referente a esta dimensão. (BRITO, 2018).

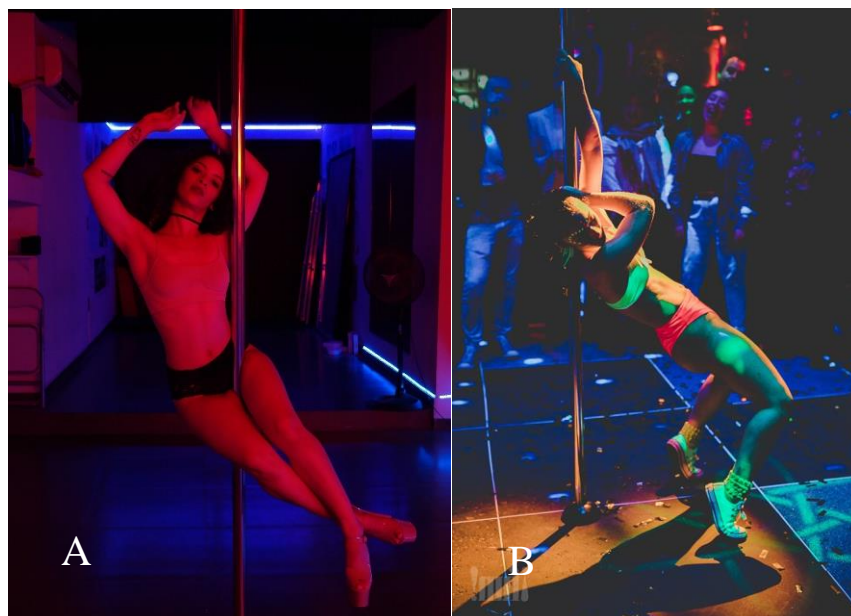
FIGURA 7 – EXEMPLOS DA RELAÇÃO CORPO/BARRA



Fonte: Arquivo pessoal

2. **Grips e Holds**: são maneiras de pegar a barra com a mão e travas usadas com outras partes do corpo para manter-se em uma figura. São técnicas indispensáveis na relação corpo/barra.

FIGURA 8 – VARIAÇÃO DO SIT UTILIZANDO HIP HOLD (A); SHOULDERMOUNT PRINCESS GRIP (B)



Fonte: arquivo pessoal
Fotos: Bruno Ericksson (A) Henrique @4tshenriq (B)

3. **Fluidez:** é uma qualidade de movimento presente em várias linguagens de dança. É caracterizada por movimentos circulares, sinuosos, orgânicos e contínuos. Ela pode variar em sua intensidade, tamanho e velocidade. As polerinas são incentivadas desde o início a desenvolverem sua fluidez na travessia de um movimento para outro.

4. **Giros:** são movimentos que criam oposição à barra e acontecem ao redor dela sem perder o contato.

FIGURA 9 – REGISTRO DO FIM DO GIRO FIREMAN



Fonte: arquivo pessoal
Foto: Martha Reichel

Bianchini (2019) ainda traz o conceito de “códigos abertos”. De acordo com ele, são linguagens de dança “cujo vocabulário pode receber muita influência de outras áreas, outras danças”. O código diz respeito ao vocabulário, sendo assim, as figuras, os elementos coreográficos e o floorwork, nitidamente sofreram influências de outras linguagens de dança. E ainda, o praticante que deseja inserir elementos de outras danças, vai ter na sua dança autoral, um processo contínuo de hibridização. Com isso em mente, identificou-se como **vocabulário**:

- **Figuras:** são poses, aéreas ou não, normalmente estáticas. São oriundas da ioga, ginástica e passíveis de investigação para a criação de novas figuras.

FIGURA 10 – HOT MOMENT COM TWISTED GRIP (A); SIT ÁGUIA (B)



- **Elementos Coreográficos:** movimentos como *battement*, *bodywave*, rebolar, *pirouette*, etc. Normalmente usados como alegoria coreográfica.

FIGURA 11 - BODYWAVE



Fonte: arquivo pessoal

- **Floorwork:** participa da pole dance como um elemento importante, mas não fundamental. O trabalho de chão, na tradução literal, agrupa técnicas de dança moderna, contemporânea e acrobacias e desenvolveu para si movimentos específicos como o *mermaid*, *clocks*, *speed bump*, etc.

FIGURA 12 – THE EXORCIST (A); SIT CLEO (B)



Bianchini (2019) vai dizer que “existem movimentos de tão peculiares, tão únicos que eles acabam te dando uma dica que aquilo que está sendo dançado é uma dança em específico”. Com isso em mente, o trabalho propõe colocar as **inversões na barra** como estes vocábulos elementais da pole dance.

3.1 VERTENTES

Em 2000, a pole dance se divide em dois grandes grupos: *pole fitness* ou esporte ou acrobático e *pole classique* ou *sexy pole* ou *pole glamour*.

O *Pole Fitness*, segundo o site Gaia Pole (2018), é um estilo que trabalha bastante a força, a flexibilidade e o equilíbrio. Popularizou-se como uma alternativa ao exercício físico focado em tonificação e força muscular. Já a *Pole Classique* ou *Sexy Pole* é a vertente mais fiel à sua origem. O Pole Theatre Brazil (2020), evento de competição, coloca-a como “categoria para performances que celebram a beleza e a arte do estilo sexy ou sensual de pole dance e *striptease*”. O evento ainda torna obrigatório o uso de *pleaser* e a retirada de uma peça de roupa.

Olhando para a trajetória da Pole Dance no Brasil, nota-se o surgimento de outras categorias da dança. No entanto, nos limitaremos às vertentes mais comuns nos estúdios. São elas: *Exotic Pole*, *Pole Spin*, Pole Contemporâneo e *Pole Art*.

Segundo o site Gaia Pole (2019) a *Exotic Pole* viralizou a partir de 2014 nas redes sociais e geralmente é associada às polerinas russas. Essa vertente é caracterizada pelo uso de *pleasers* como *flamingo*, *infinity* e *beyond*; e pela execução limpa, rápida e de explosão de movimentos avançados. No entanto, a comunidade problematiza o uso da palavra “*exotic*” por estar sendo

usada fora do seu contexto e atrelada a arquétipos femininos, principalmente mulheres negras e *strippers*, aprofundando a desvalorização e coisificação dos seus corpos. Além disso, apropriar-se do termo para lucrar com a estética *stripper* é considerado um desrespeito. Em uma publicação na sua rede social, a pole dancer Gemma Lux (2021) sugere, inclusive, alternativas ao uso da palavra *exotic* como *heels*, *sexy*, *badass*, *sensual*, *Dirty*, etc.

FIGURA 13 - SANDÁLIAS PLEASER FLAMINGO (20CM), INFINITY (22,5CM) E BEYOND (25CM)



Fonte: Play Pole

A *Pole Spin*, barra giratória, ganha espaço também. Os movimentos são executados enquanto a barra gira em si mesma necessitando controle corporal e noções básicas de física para a medição da velocidade quista pelo praticante.

O Pole Contemporâneo utiliza-se de elementos da dança contemporânea. Dispensando o uso de *pleasers*, tem como principal característica a fluidez na conexão entre os elementos de chão, giro e figuras.

A *Pole Art*, diferente do contemporâneo, é mais abrangente quanto à linguagem com a qual a pole vai conversar. Pode hibridizar diferentes linguagens ou ater-se a uma só. O destaque está na dramaturgia da performance.

Como o assunto pole esporte *versus* pole sensual é algo bastante presente na comunidade, achei que seria interessante trazer essas ideias apenas como maneira de pontuar o caminho que estamos percorrendo ao encontro da pole sensual.

3.2 POLE *FITNESS* OU ESPORTE

Em 2017, foi julgado o processo civil do Conselho Regional de Educação Física da 2ª Região (CREF2/RS) contra o Studio de Pole Dance Ligia de Jesus com o argumento de que “a atividade desenvolvida pelos instrutores de pole dance ‘visa o condicionamento físico, bem distante de uma atividade cultural’” exigindo assim, a presença de um profissional da educação física. Entretanto, o Tribunal conclui que “a atividade de um instrutor de pole dance está associada à dança e não à atividade física propriamente dita” e lembra que “não há comando normativo que obrigue a inscrição dos professores e mestre de artes marciais, ou mesmo os de danças, capoeira e ioga, nos Conselhos de Educação Física.”

A reflexão “dança ou esporte” é permanente na comunidade polerina. Há argumentos para todos os gostos. Mas poderia a pole dance ter gerado o pole esportivo e ele se tornado uma nova prática? Poderíamos sim reconhecer a pole dance como gênero de dança, sem invalidar a possibilidade de acessá-la como prática esportiva. Há esforços em afastar a pole dance da sua origem e, na regulamentação como prática esportiva, viu-se uma maneira de legitimar a pole dance. Entretanto, há camadas mais profundas para observarmos.

3.2.1 ESPORTIVIZAÇÃO DA POLE DANCE

Podemos entender a esportivização como o processo de transformação de uma atividade física ou prática corporal em modalidade esportiva. Para que ocorra essa classificação, a atividade ou prática precisa atender certos requisitos. A ideia é que a atividade deixe de ser informal e desestruturada e passe a ser formal e organizada.

Então, para que esta atividade ou prática seja considerada um esporte, segundo Barbanti (2006), ela precisa estar caracterizada por alguma forma de competição que vai ocorrer sob condições formais e organizadas, ou seja, institucionalizada. Desta forma, o sucesso é medido diretamente pela comparação das realizações daqueles que estão executando a mesma atividade física nas mesmas condições.

Sendo assim, a atividade física institucionalizada apresenta os seguintes elementos segundo Barbanti (2006):

1. As regras da atividade são padronizadas;
2. O cumprimento das regras é feito por entidades oficiais;
3. Os aspectos técnicos e organizacionais da atividade se tornam importantes;
4. A aprendizagem das habilidades esportivas se torna mais formalizada.

Essas regras são reconhecidas pelas entrevistadas, mesmo que intuitivamente. Dizem elas:

[...] pra mim, quando se pratica o pole esporte, tem que estar vinculado a uma competição, tem que estar participando de uma disputa. O esporte é uma atividade onde tu quer vencer, então se tu não tá passando por um tipo de avaliação, se tu não tem um adversário e uma competição, tu não pratica esporte. (JESUS, 2021)

[...] pra ser um esporte tem que ter um conjunto de coisas acontecendo, pra ser entendido como um esporte pela sociedade. É claro que hoje em dia tu pode argumentar que sim porque tem campeonatos, tem livro de contagem de pontos pela IFPS, lá. [...] existe toda uma organização esportiva justamente com essa agenda, né? De mostrar que o pole pode sim ser um esporte, e eu acho que sim, pode ser um esporte, caso esteja participando dentro dessas regras e desses espaços. (BROCHIER, 2021)

Tendo estes elementos em mente, podemos destacar alguns acontecimentos importante no processo de esportivização do pole *fitness* onde aparecem estes elementos. Por exemplo, o nascimento da Federação Brasileira de Pole Dance (FBPOLE) em 2009, que foi a primeira a criar um Código de Regras e Arbitragem - com todos os movimentos de Pole já conhecidos e executados – para os campeonatos no Brasil e no exterior, além de atribuir um valor técnico a cada um deles. A FBPOLE faz o trabalho de padronizar as regras e movimentos de Pole de maneira a valorizar os aspectos técnicos. Aqui já podemos observar os 3 primeiros elementos da institucionalização.

Em 2010, a FBPOLE, que é membro da International Pole Sports Federation desde 2009, realizou em setembro o I Campeonato Brasileiro de Pole Dance, em São Paulo seguido do Pole World Cup, a partir de 2011. Outro marco importante é o Campeonato Brasileiro de Pole Sports em 2015 que vai trabalhar com o sistema de pontuação da International Pole Sports Federation. Mais próximo de hoje, temos a fundação da Confederação Brasileira de Aéreos e Pole Sports – CBAPS, inaugurada no dia 6 de novembro de 2019.

Dois recorrentes pontos discutidos acerca da esportivização da pole dance são: quais os aspectos positivos e quais os aspectos negativos desse processo. Para olharmos pra essa discussão, me inspiro nas percepções de Alves e Montagner (2008) quanto ao processo de esportivização da capoeira referidas no trabalho “A Esportivização da Capoeira: Reflexões Teóricas Introdutórias” a fim de fazer conexões com alguns pontos, pontos estes que foram adaptados para fazer sentido ao trabalho.

3.2.1.1 ASPECTOS POSITIVOS

Difusão através de eventos, campeonatos:

Eventos e campeonatos dariam maior visibilidade e seriedade ao pole, à cultura da pole dance e possibilidade de ascensão dos seus praticantes, bem como patrocínios etc.

Atende a outros segmentos de mercado (estética):

Abraça pessoas que procuram pela estética atlética e principalmente mulheres que são convencidas pela divulgação dos efeitos empoderadores da pole dance.

Cientificidade:

Aparecimento de métodos de ensino em pole dance, estudos e categorização de metodologias de ensino, pesquisas nas áreas antropológicas, psicológicas e sociológicas sobre os efeitos da prática de pole e questões de gênero e sexualidade.

Credibilidade:

Associar a prática ao esporte significaria dar credibilidade a ela afastando da ideia de que só acontece em clubes noturnos relacionado ao trabalho sexual.

Determina os limites de forma clara (regras):

Na pole, esse ponto atua como uma forma de organizar e categorizar os movimentos implementando uma forma correta de execução.

3.2.1.2 ASPECTOS NEGATIVOS

Distanciamento da prática erótica:

Há muito espaço para discutir esse ponto. Pense, por exemplo, quais ajustes são necessários ao colocar a pole dance em cena, no palco, numa performance. Deslocá-la da sua informalidade ou valorizá-la na sua informalidade. O que acontece com a sensação de comunidade que foi construída pelas mulheres, com a democratização de movimentos, com o afastamento da ideia de sensualidade. Podemos reparar nesta fala:

As pessoas têm essa questão por causa da movimentação pra desagregar o pole da imagem inicial dele que é do cabaret, do trabalho sexual, né? Então, a galera ficou batendo muito nessa tecla e pra mim não faz sentido ficar separando. Não precisa, eu acho. Não precisa separar, ignorar essa parte da história pra ser respeitado. (BIANCA, 2021)

Tendência ao alto rendimento:

Nesta categoria cabe a criação e sustentação de uma estética corporal atlética do praticante gerando um movimento de abandono de pessoas com outras possibilidades corporais. Maroun (2015) diz que seria possível identificar uma exclusão daqueles que não desenvolvem a prática com a finalidade esportiva, uma vez que esta dimensão iria priorizar os mais hábeis, contribuindo para uma supervalorização do físico/técnico e à falência dos grupos não vinculados ao esporte. Conectando, assim, com a fala de Bianca:

Para tu encarar algo como esporte, tu precisa, principalmente quem compete, precisa encarar que tu é um atleta, né? [...] Então tu precisa de um tempo de dedicação e um tempo de treinamento que pra uma pessoa regular, uma pessoa normal, uma pessoa de 30 anos, de 40, que não é ativa fisicamente ou que não tem um extensivo *background* de práticas, não vai chegar ali e fazer aquilo assim. Não é o público. [...] É muito difícil agregar essas pessoas porque tá mais focado no desempenho esportivo de coisas que são extremamente difíceis. (BIANCA, 2021)

Supervalorização do tecnicismo e das capacidades biomotoras:

A execução de acrobacias é trazida para o primeiro plano supervalorizando a prática de acrobacias avançadas, flexibilidade, força e condicionamento físico nas estruturas das aulas. As questões artísticas, exploratórias e de sensualidade tem menos espaço.

Lógica do "vencedor e perdedor":

A comunidade é muito reconhecida pelo seu esforço em criar um ambiente seguro para as diferentes expressões da prática corporal. Quando colocamos sobre ela a lógica da competição, onde haverá um vencedor e um perdedor, é possível que estejamos criando um desânimo naqueles que não estão preparados psicologicamente. A competição aparenta ser uma jornada de caráter mais individual:

[...] De todos os outros (campeonatos) o que eu mais trago de resumo, de lembrança foi a superação. [...] Dava pra ver a evolução de um ano pra outro. E eu acho que é mais a questão de aprendizado, que que eu vou aprender pra próxima experiência de superação? Estar se superando e evoluindo aquela prática. Acho que isso é o que eu mais trago comigo assim desse período de atleta. (JESUS, 2021)

Escolho acreditar que a pole dance deu origem ao pole esportivo. Este adotou modelos estéticos e direcionadores para uma “boa prática esportiva”, como a ginástica artística. É possível a pole dance e o pole esportivo coexistirem. Veja: proponho pensarmos em “A” pole dance, com artigo definido indicativo do feminino singular, pois está gramaticalmente referindo-se a dança, em primeiro lugar, do poste. A dança como protagonista. Desta forma, podemos pensar, então, o artigo definido indicativo do masculino singular, “O” pole esportivo. “O” referindo-se ao esporte, ao mastro, ao poste e habilidades desempenhadas neste.

FIGURA 14 - EMANCIPAÇÃO DO POLE ESPORTE



Fonte: Arquivo pessoal

Assim, teríamos o pole esportivo originário da pole dance, mas que se emancipou e passou a ser um viés de acesso à prática. Dessa forma, a pole dance com foco no fazer artístico e o pole esporte com foco no desempenho. Duas práticas com intenções diferentes. Talvez aqui adentraríamos a discussão sobre a necessidade da presença de um profissional da educação física nas aulas de pole. Talvez essa separação de intenção artística ou esportiva possa ajudar a pensar nisso, pois a pole dance e o pole esporte diferem em intenção e, por vezes, objetivo na sua prática.

[...] eu acho que o pole esporte é uma coisa, o pole acrobático é outra e o pole dance ele é um pouquinho do acrobático com foco em, bem longe da parte do esporte, né? Não é competição, não é avaliação e sim [...] a parte mais artística. Eu acho que dança, o pole dance, está interligado com a expressão do sentimento, da arte e não com o desafio, com a competição com o outro. Eu acho que essa é a diferença entre o pole dance e o pole esporte ou acrobático. (JESUS, 2021)

Eventualmente, aparece a separação: pole arte, pole esportivo e pole sensual. Penso que há arte na sensualidade. Algo que vamos conversar mais adiante neste trabalho. Por isso aqui incluo a categoria “pole sensual” em pole dance (artístico). Desta forma categorizaríamos a pole dance como uma prática corporal que pode ser acessada pelo viés artístico ou esportivo.

Para todos os efeitos, neste trabalho abordaremos a pole dance como uma prática corporal acessada pelo viés artístico, precisamente como linguagem artística de dança sensual

e/ou erótica, onde o praticante explora movimentos com/contra uma barra de aço inoxidável, fixa ou giratória, e elementos de chão (*floorwork*).

5 DANÇA E POÉTICA

As poéticas são sempre concretas e constituem todo ato e obra de criação, isto é, fundam-se na essência do agir. Manifestam a própria essência do agir. Isto não é tão difícil de entender. Poética, poema, poeta, poesia, todas estas palavras são palavras da *poiesis*. (CASTRO, 2006) A *poiesis* liga-se à ideia de trabalho como fabricação, construção, composição e a ideia de *techne*. Na *poiesis* é possível encontrar um ponto de referência que ofereça uma certa necessidade e uma certa universalidade para a ação criadora: é o modelo do que se vai fabricar, produzir ou criar. (DANTAS, 2020)

Para Dantas (2020), em arte, poéticas são referências de que se serve o artista, consciente ou inconscientemente, para realizar suas obras. São ideias, as compreensões, os entendimentos que se tem acerca da arte que de certo modo orientam a concepção e a realização das obras coreográficas. A autora ainda completa que “poética também é a marca do artista, seu traço. É o diferencial gravado na obra, é o uso particular que ele faz das técnicas.” Conclui dizendo que “a ação poética se dá, então, na relação que se estabelece entre poética que inspira o trabalho do coreógrafo e o seu estilo próprio.”

Ainda segundo a autora, a inspiração poética pode ser compreendida também como a incorporação de estímulos que desencadeiam o processo de criação artística. Mas também “pode se dar ou por um estalo de imaginação, um insight, provocado por situações inusitadas e, aparentemente, apartadas da atividade formativa, que são escolhidas pelo coreógrafo, ou pode surgir de um penoso processo de investigação.

De todo modo, o processo criativo atua como um profundo processo de autoconhecimento. É um caminho que, por muitas vezes, não estabelecerá um fim. É parecido com o trabalho de um marceneiro que constrói um móvel sem manual e sem a pretensão de que um dia ele estará completo. É escolher colocar primeiro as braçadeiras, os parafusos, ou quem sabe colocar no chão, fazer de pé, colocar uma toalha para não machucar, é se afastar e voltar a trabalhar nele depois, é pensar onde ele ficará melhor, o que vai colocar nele, qual a decoração, qual a cor etc. Cada artista tem seus vários processos criativos onde está inserida a sua poética. Não diferente, a pole dance e seus artistas-criadores-intérpretes também tem suas ferramentas de processo criativo.

5.1 POLE DANCE, POÉTICA E PROCESSO DE CRIAÇÃO

Para pensar o enlace da pole dance e poética, utilizaremos as poéticas presentes no processo criativo de composições coreográficas das entrevistadas para as competições. Olharemos, também, para as considerações observadas por Pereira (2015) acerca das composições coreográficas em pole dance.

Num caminho simplista, em Dantas (2020) poderíamos salientar 3 pontos sobre poética. São eles: Marca do artista ou estilo próprio; referências e/ou inspiração; e processo de investigação. Observemos a fala de Bianca (2021) sobre seu processo de criação:

[...] eu faço como eu aprendi a fazer. [...] Eu normalmente escolho uma música, eu parto de uma música, em geral, pra depois dar o tom. Então eu separo em partes que pra mim fazem sentido, não necessariamente a contagem, às vezes é tipo tá de um jeito aqui e aqui vai mudar ou então estrofe/estrofe/refrão/estrofe/estrofe. Vou pegando isso ou às vezes alguma marcação instrumental. Nem sempre é óbvio. Aí eu vou trabalhando as movimentações. Normalmente faço improvisos em cima da música pra ver o que aparece de movimentação, aí eu abraço esses improvisos, boto no liquidificador e faço assim... Aí acaba acontecendo coisas que se repetem. Eu normalmente gravo, eu olho e penso: isso ficou muito legal, vou investigar um pouco mais isso e aí disso vai se tornando aqui, vai alinhavando um pouco da sequência. Quando eu me proponho a colocar truque, que daí é uma coisa mais acrobática e tu precisa de um pouco mais de calma pra fazer, pra não dar tudo errado. Eu já escolho de antemão os truques que eu quero fazer. Tipo: aí nesse momento eu vou subir na barra giratório. Não faço tanta coisa na barra giratório, eu sei que eu faço tal e tal coisa muito bem e to muito acostumada, meu corpo responde muito bem. Então eu vou fazer isso e isso, daí eu acho maneiras de entrar e sair desses truques de uma forma que fique fluida. Então a minha improvisação vai ser a entrada e a saída. Estar aberta a fazer isso de uma forma que não fique ruim ou horrível. Então vou sempre pelo lado mais seguro quando é sobre o truque. Quando é sobre a dança e o *flow* é mais de boas, eu não tenho muita escolha.

Na sua entrevista, Bianca relata uma interação com uma das juradas do campeonato que ela participou. Nesta interação, Bianca pensa: “eu sei que eu fui a mais estranha de todas, que eu sou estranha, eu sei o que eu to fazendo”. Acredito que esta é uma boa fala que exemplifica a poética do estilo de artista. Em inspiração e referências, observamos em sua fala:

Eu fui bastante pela música e pela banda. [...] Pra mim, a música tem uma estética muito clara, assim, quando eu ouço uma música, eu consigo ver que cor que é, eu consigo ver onde ela tá ambientada, como que é essa cena, pra mim eu imagino uma cena na minha cabeça, como se fosse um filme, então quando eu ouço a música eu tenho essas, eu consigo visualizar algumas coisas e aí depois é só conseguir transpor isso no figurino, na maquiagem, no cabelo, etc. (BIANCA, 2021)

Segundo Bianca, então, ela consegue traçar uma linha poética trazida pela música que interfere na estética e influencia seu processo de criação. Ainda sobre a música, a artista fala sobre como segue seu processo de criação:

eu escolho a música, mas eu tenho um pouco de medo de enjoar dela. Então eu faço tipo uma playlist ou um, ou se é de um álbum de um artista que eu gosto, ouço o álbum inteiro e vou dançando em cima do álbum inteiro ou em cima daquela playlist especificamente pra também dar outros estímulos no corpo. Aí vou catando outras coisas que vem outras músicas, mas coloco na que eu vou me apresentar também. As vezes dá umas coisas diferentes. (BIANCA, 2021)

Seguindo em inspirações e referências, a artista explica:

Normalmente eu visualizo muito bem o que eu quero. A minha cabeça funciona muito por imagem, então o que eu normalmente faço é fazer um moodboard. Eu entro no Pinterest, monto, vou sacando referências e coisas aleatórias, fotografias, às vezes nem é sobre... figurino e maquiagem, normalmente eu nem salvo coisas que são figurino e maquiagem, normalmente eu salvo tipo imagens de inspiração e aí vai tendo tipo tons de cor, vai tendo cortes, desenhos geométricos. Então tudo isso vai informar mais ou menos o que eu vou escolher depois, a estética que eu quero que apareça. (BIANCA, 2021)

Vemos que há um movimento de procura por estímulos por parte da artista. Uma procura por tradução concreta, conceitual e imagética daquela estética que tem em mente e deseja expor na sua criação, na sua coreografia.

Como trazido por Dantas (2020), também conseguimos reparar na poética que surge através do “processo incessante de investigação” de movimento. Colocado aqui pela artista como “processo de ir improvisando”:

[...] eu fui naquele processo de ir improvisando e criando. Eu separei a música em algumas partes, eu pensei: ah, aqui eu vou fazer um low flow, vou fazer alguma coisa mais na parte de baixo da barra, e aqui eu vou vir pelo chão pra outra barra, na outra barra eu vou fazer tal e tal coisa, mas sempre com aquela coisa de deixar um pouco aberto pra poder dar os meus contornos caso precisasse. (BIANCA, 2021)

Normalmente faço improvisos em cima da música pra ver o que aparece de movimentação, aí eu abraço esses improvisos, boto no liquidificador e faço assim... Aí acaba acontecendo coisas que se repetem. Eu normalmente gravo, eu olho e penso: isso ficou muito legal, vou investigar um pouco mais isso e aí disso vai se tornando aqui, vai alinhavando um pouco da sequência. (BIANCA, 2021)

Quando adentramos o ambiente do pole esportivo, podemos notar um processo de criação diferente. Observemos o relato de Lígia (2021):

[...] processo de criação é: decidir a inscrição, depois ler e reler um bilhão de vezes o código, escolhe a música, escolhe um tema, um estilo de performance e depois, como são vários critérios que são avaliados, eu peguei primeiro os movimentos obrigatórios que eram onze, se eu não me engano e depois a bonificações e por último o artístico, que é a parte que eu não considero a minha melhor, né? Então é mais ou menos isso, montar a coreografia com os movimentos obrigatórios, as bonificações, depois a parte artística.

Bem diferente do relatado por Bianca, Lígia tem questões pré-estabelecidas que precisam ser obrigatoriamente incluídas na hora de criar a coreografia. O estilo próprio e inspirações aparece mais na escolha do tema e narrativa que será apresentada pela atleta.

[...] eu fiz mais de uma vez a performance da música *Hallelujah* que é bem instrumental, bem bonita e aí foi um figurino todo branco em baixo com bordado em cima. Parecia algo mais angelical. (JESUS, 2021)

As referências para a criação são os movimentos obrigatórios exigidos pela competição a qual a atleta está participando.

[...] primeiro pegava um código, escolhia os movimentos obrigatórios e depois a bonificações e já montava a música, depois se sobrava uma lacuna, eu ainda contratava professoras de dança particular pra fazer o artístico. Então eu pegava alguém da área da dança mostrava o que eu tinha já de acrobacia, pra pegar movimentos mais leves de transição de barra, em cima, firula, mexidas de cabeça, de braço. Aí sim eu fazia com alguém da área da dança. (JESUS, 2021)

Não houve relato de processo de investigação de movimento por parte da atleta.

Em Pereira (2015) podemos observar o mesmo, se não parecido, *modus* de criação citado pelas entrevistadas. Analisa que, além destas, há diversas formas de criar na pole dance. Fernandes (2012) também reconhece que no que diz respeito a “composição coreográfica no pole dance, assim como na dança, faz-se o uso das características básicas da movimentação como: fluidez, precisão e harmonia.” Adentramos aqui as qualidades de movimento presentes quando se dança pole dance. Fernandes (2012) ainda faz relações importantes apoiada na análise de movimento de Laban. A autora traz os fatores de expressividade, estados expressivos, planos, níveis espaciais e os 4 grandes temas.

Há diferenças marcantes entre o processo de criação artístico e o processo de criação esportivo. Enquanto a poética em um é nitidamente presente no processo, o outro é guiado por movimentos específicos pré-estabelecidos que tem presença obrigatória na coreografia. Com essas diferenças em mente, entendemos que a pole dance é uma linguagem de dança imbuída de poéticas. Sendo uma delas, a sensualidade.

6 SENSUALIDADE COMO POÉTICA

Wrublewski (2017) pensa no contexto do público de artes em geral e pergunta: Ainda é errado ver o corpo nu de outra pessoa? Por que se teme tanto a nudez? A autora propõe pensar o que “a nudez de um artista no espaço público potencializa a presença do próprio artista, que nesta condição, existe exatamente com o propósito de ser visto e se relacionar com o outro.” Ressalta que “nossos corpos, mesmo atualmente, ainda são alvos de reflexão sobre o que é correto e respeitoso de ser feito com eles, desde o quanto deve ser mostrado e que tipo de relações e afetos podem reverberar.” Finaliza nos lembrando que “é inevitável passar pela sexualização ou não, independente da ação que está sendo desenvolvida, esta característica afeta homens, mas se faz especialmente presente em corpos femininos.”

Wounters (2017) recorda que até os anos de 1960 havia “uma balança de poder altamente desigual entre homens e mulheres, ao lado de uma sexualidade altamente compartimentada” comenta que essa condição “impediu que os desejos carnis e experiências das mulheres fossem expressos. A emancipação das mulheres e dos jovens seguiu de par com a emancipação da sua sexualidade.”

O desconhecimento e o silêncio sobre a sexualidade feminina levam as mulheres a tecer fantasias e angústias sobre o seu corpo, a aprender sobre sexo com os homens (maridos, namorados e amantes) ou com revistas especializadas (CHAUI, 1984 *apud* CRUZ, 2015). Como consequência deste aprendizado hetero-exógeno vemos reforçados os estereótipos e o favorecimento da interiorização dos padrões sobre masculino e feminino. (CRUZ, 2015)

Torna-se necessário portanto aprender sobre sexo (sensualidade e sexualidade) com nosso próprio corpo - campo individual - e com as experiências partilhadas por nossas companheiras (sensualidade, sexualidade e emancipação), no campo político. (CRUZ, 2015)

Com esforço para sintetizar conceitos tão complexos, olharemos então para algumas definições de sensualidade, sexualidade e erotismo.

Sensualidade, segundo o dicionário Houaiss (2009) significa “faculdade de perceber sensações, sentir, sensibilidade”. O mesmo dicionário identifica o até de sensualizar como “tornar sensível”. Será que poderíamos entender a sensualidade como uma habilidade? Em outro olhar, pode ser definida como conjunto de características que evocam atração sexual. Se eu estou mais sensível, estou mais sensual? Com um olhar geral, encontramos que sensualidade é a característica daquilo que é sensual. Sensual, por sua vez, é relativo aos sentidos, às sensações. Estes sentidos são: visão, audição, tato, olfato, paladar e ainda propriocepção e intuição. Sentidos são formas de perceber as sensações. Sensações são respostas físicas e/ou psíquicas do corpo ao mundo físico, estímulos externos. Estímulos que ativam as áreas primárias do córtex frontal. Com isso, poderíamos entender que a sensualidade é característica de algo que provoca prazer pelos sentidos. Ouvir jazz pela manhã, perfume de jasmim, banho quente no inverno, tomar algo gelado no verão etc. São algumas das coisas que gosto e que me geram prazer. Mas temos que ter em mente que aquilo que consideramos sensual dependerá da cultura, ambiente, religião, geografia, contexto histórico etc.

Já a **sexualidade**, diz a OMS (2020) é um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas

elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais." Mata (2015) vai ressaltar que é isso que interessa na perspectiva de Wilhelm Reich, segundo ele, uma das figuras mais radicais na história da psiquiatria. Para Reich interessa uma "intensificação da potência da vida, por meio de um vitalismo que perpassa o corpo e a intersubjetividade. Sua aposta reside no exercício da sexualidade como produtora de saúde."

Mata (2015) diz que a **sexualidade** é "bem mais ampla que o ato sexual em si, mas está envolvido com a própria vivência cotidiana do erotismo." Ressalta que a questão atual é a de não distinguir "mais o erotismo propriamente dito e a pornografia, que é uma deturpação da noção pura de erotismo. Enquanto a **experiência erótica** está relacionada a tudo que diz respeito ao plano das sensações corporais, a pornografia alimenta-se das fantasias e imagens racionais." Conclui dizendo que "o erotismo foi limitado ao relacionamento sexual. Daí supõe-se que o erotismo só serve para a prática do sexo. Este esvaziamento do erotismo o leva a ser apenas um instrumento para a efetivação do ato sexual."

O autor ainda nos lembra que "erotismo e sensualidade, apesar de quase sempre estarem relacionadas ao ato sexual, estão também para além dele." Mata (2015) traz o conceito de **existência sensualista** que diz respeito "ao mundo das sensações, que percorre o corpo afetado pelos sentidos." Exemplifica que dessa maneira é possível sentir "uma certa dose de sensualidade no ato de comer uma boa comida, de escutar uma música, em contemplar a beleza." Para ele a sensualidade está relacionada a todo prazer que afeta o corpo. Fala também sobre uma **existência erótica** que é percorrida de sensualidade, "não precisa apenas do ato sexual para manifestar-se. Ela está presente nos pequenos gestos, no dia a dia, intensificando a vida, percorrida por energias e vitalismo."

É sobre a experiência erótica trazida por Audre Lorde que finalizo a parte de conceitos:

Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas. (LORDE, 2019)

A pole dance é conhecida pela sua característica sensual intrínseca. Entretanto, aqui queremos saber como e se ela é pensada no processo de criação. Quando questionadas sobre a sensualidade nos seus processos de criação, as entrevistadas explicam:

Eu não penso especificamente sobre sensualidade. [...] É meio louco pensar nisso, por isso que muitas vezes eu nem falo sobre sensualidade no pole, porque pra mim é uma coisa meio instintiva. Eu não racionalizo muito. Eu acho que tanto porque o pole, pra mim, inerentemente é sensual, sempre vi como uma coisa sensual. (BIANCA, 2021)

Acredito que essa inerência surge principalmente por causa da origem dos elementos e movimentos que incorporam a dança sensual, por exemplo, *bodywave*, movimentos de quadril, *hair flips* etc. Ferreira (2015) vai dizer que “qualquer sequência de movimentos executada na barra de pole dance pode se transformar[...]em uma dança sensual. A diferença se dá na expressividade, na forma de executar os movimentos, na música escolhida [...], no figurino e nos acessórios.” O que a autora coloca aqui como expressividade e que por vezes é chamado de intenção, poderíamos entender esse conjunto de escolhas como poética, de acordo com o que já observamos aqui.

Opto, então, olhar para sensualidade. Não apenas deixá-la como plano de fundo, mas trazê-la para primeiro plano. Colocá-la sob o *-scópio*. Alimentá-la, esticá-la, torcê-la, expandi-la, amassá-la, cutucá-la e todas as outras possibilidades. Optar por colocar a sensualidade como principal camada poética nos permite pensar diferentes intenções dentro dela: encantar, criar, construir, seduzir, manipular, inspirar, instigar, persuadir, controlar, sentir etc. Cada proposta potencializa o lugar de presença que se faz necessário nesta camada poética. A sensualidade é enfraquecida longe da presença. Somente através da presença é possível se conectar genuinamente a fim de se tornar sensível. Podemos observar a importância dessa presença em uma fala de Bianca:

Eu acho que a sensualidade vem muito dessa possibilidade de se conectar com o outro. É quando tu vê uma pessoa que tá muito receptiva no palco, é tipo, é outra coisa, é outra intenção. Tu vê que nossa, maravilhoso. Tu percebe. O público percebe e tu enquanto bailarina percebe. É uma diferença muito sutil, mas é real. (BIANCA, 2021)

O trabalho mais recente denominado *Las Viudas*, tem sido espaço para pensarmos, sermos e criarmos sensualidade. A sensualidade está. A sensualidade é. É a partir da. Desde a luz, passando pela música, até a coreografia. A sensualidade é a principal potência de criação. Escolher colocá-la neste lugar é produzir energia. É produzir sensações em diferentes níveis. E isso volta para nós de diversas formas.

FIGURA 15 - MOSTRA DE PROCESSO DO ESPETÁCULO LAS VIUDAS



Fonte: Arquivo pessoal
Foto: Maurício Mendes

Obtivemos múltiplas respostas do público em nossa primeira aparição. Respostas positivas como elogios ao tema, à atmosfera criada, ao trabalho técnico do elenco. Alguns espectadores comentaram que se emocionaram e chegaram a chorar com a apresentação. Tivemos também questionamentos e comentários dirigidos não à poética da obra, mas sim aos corpos das bailarinas:

- Qual a necessidade de colocá-las com as bundas viradas para cima de frente para o público?
- O figurino expôs seus cus escuros e não depilados;
- Uma bailarina estava com a corda do seu absorvente interno aparecendo
- O que vocês querem dizer com isso? (com esse tipo de exposição)

Acredito muito que os comentários e questionamentos levantados exemplificam perfeitamente as questões que desafiam a legitimação da pole dance como um gênero de dança e demonstram a urgência de refletir e reconhecer as relações entre a pole dance e os conhecimentos produzidos na área de dança, como bem sugerem Fernandes (2012) e Oliveira (2016)

Por que quando falamos em pole dance, danças eróticas e sensuais, a sensualidade é automaticamente inserida, mas descolada da ideia de poética? Por que a poética das danças sensuais é relevante?

11 CONCLUSÃO

Pole dance é uma prática corporal que pode ser acessada pelo viés artístico ou esportivo. Neste trabalho, abordei a pole dance como uma prática corporal acessada pelo viés artístico, precisamente como uma linguagem artística de dança sensual e/ou erótica. No campo da pesquisa acadêmica observamos como temática as relações gênero, corpo, significações da prática, cinesiologia, imagem corporal, identidade dos praticantes, marginalização da figura feminina e da prática e as influências culturais ao olharmos para ela. Destacamos dois trabalhos que cruzam os estudos de Laban com a prática, mas ainda precisamos aprofundar as pesquisas acerca da pole dance e suas poéticas.

Pudemos observar que um dos principais motivos dificultando a legitimação da pole dance é o estigma da *stripper*, colocando o foco do trabalho em algo que somente envolve a sexualidade tornando-o indesejável e desassociando a noção de que possa existir uma poética na sua expressão. Outro motivo é seu recente entendimento como dança em relação a outras danças já estabelecidas e vistas como virtuosas e dignas. O primeiro contato da pole dance com o meio acadêmico foi somente em 2013 e através do viés esportivo. Desde então, de fato, apenas dois trabalhos se dedicam a aproximar a pole dance ao campo da pesquisa acadêmica em dança.

Com este trabalho, quis trazer as poéticas envolvidas no processo de criação em pole dance para o primeiro plano. Descobrimos, ao olhar para a entrevista das colaboradoras, que o processo de criação da pole dance está mergulhado na noção de poética através da busca por referências que a artista trouxe, das suas compreensões de arte, da sua personalidade, seu estilo próprio, nas inspirações, na incorporação dos estímulos etc. Ou seja, as noções de poética estão e poderão continuar assistindo a pole dance a se aproximar cada vez mais ao campo da pesquisa acadêmica e ao campo artístico da dança.

Reparamos igualmente que a presença da sensualidade é intrínseca à prática da pole dance. Apesar de pouco pensada, ela age como um divisor de águas no que diz respeito a intenção. Assim, deixo para um próximo momento olhar para essa sensualidade como principal camada poética no processo de criação e reverberar, e absorver, e refletir sobre quais as implicações de entender a sensualidade como fator que é intrínseco à prática.

12 REFERÊNCIAS

ACHÔA, Júlia de Freitas. **A Mulher Escarlate: Uma Exposição Sobre Empoderamento Da Mulher Em Espaços Urbanos Através Do Pole Dance**. Orientador: Cristina Nunes. 2019. 144 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ALVES, L. P.; MONTAGNER, P. C. **A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias**. Conexões, Campinas, SP, v. 6, p. 510–521, 2008. DOI: 10.20396/conex.v6i0.8637853. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637853>. Acesso em: 2 abr. 2021.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. Conjectura, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107-118, jan. 2010.

BARBANTI, Valdir. **O que é esporte?** Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.11n1p54-58> Acesso em: 8 de fev de 2021

BIANCHINI, Henrique; SANCHIS, Tatiana. **De que é feita uma dança?** In: Pé na Orelha.35. ed., 2019. Disponível em: <https://anchor.fm/penaorelha/episodes/EP35---De-que--feita-uma-dana-e9j31a>. Acesso em: 4 abr. 2020.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça (Primeira Turma). **Certidão de Julgamento 1.602.901/RS**. Administrativo. Processo Civil. Agravo interno no recurso especial. Mandado de Segurança.. Conselho Regional de Educação Física da 2ª Região. Relatora: Exmo. Sr. Ministro Sérgio Kukina, 26 de set de 2017. Brasília.

BRITO, Italo da Silva. **POLE DANCE: estudo de Laban aplicados à verticalidade do pole**. Orientador: Raíssa Caroline Brito Costa. 2018. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Dança, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

BROCHIER, Bianca. **POLE DANCE: um estudo antropológico sobre performance e representações sociais**. 2013. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013

CASTILHO, Araripe. **Arte no poste**. Folha de S.Paulo, Ribeirão Preto, ano 2010, 18 jul. 2010.

CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. **Sensualidade, Sexualidade e Emancipação. Subsídios para a Discussão Sobre de Subjetividade da Mulher Negra**. Boletim NEPAE-NESEN, [S.l.], v. 12, n. 2, sep. 2015. ISSN 1676-4893. Disponível em: <<http://www.jsncare.uff.br/index.php/bnn/article/view/2791/677>>. Acesso em: 02 apr. 2021.

CURY, Cristina Noronha. **POLE DANCE: considerações sobre a prática e sua multiplicidade**. Orientador: Caleb Faria Alves. 2018. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Ciências Sociais, INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Dança: O enigma do movimento**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2020.

FERNANDES, Jadna Martinhago. **Motivos Na Aderência De Mulheres A Prática Regular De Aulas De Pole Dance Na Cidade De Criciúma-Sc**. Orientador: Eduardo Batista von Borowski Criciúma, 2012. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Educação Física, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

FERREIRA, Carolina Fernandes. **Redescobrimo Ser-Si-Mesmo: A Existencialidade De Mulheres Praticantes De Pole Dance**. Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Em Psicologia, Programa De Pós-Graduação Em Psicologia, Universidade Federal Do Amazonas Programa, Manaus, 2015.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Cena. Porto Alegre, p. 77-88. 2009

GAIA POLE. **4 estilos de pole dance para você conhecer**. In: Gaia Pole. 16 set. 2018. Disponível em: <https://news.gaiapole.com/4-estilos-de-pole-dance-para-voce-conhecer>. Acesso em: 8 fev. 2021.

GAIA POLE. **História do Pole Dance**. 2019. Publicada por Gaia Pole. Disponível em: <https://news.gaiapole.com/historia-do-pole-dance/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

GONÇALVES, Annelise Campos. **"VIVA O MATRIARCADO POLE DANCE": uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance**. 2017. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Houaiss: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEAL E SILVA, I. (2014). **Corporalidade no pole dance: uma análise antropológica**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

LORDE, Audre. **Uses of the Erotic: The Erotic as Power** in: Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59

LUX, Gemma. **Language we can use instead of "exotic"**. 23 fev. 2021. Instagram: @gemmarosepole. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLo5rSIB1d/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

MANUEL, Antônio de Castro. **Atualidade e permanência da Poética da poiesis**. In: Manuel Antônio de Castro. TRAVESSIA POÉTICA. [S.l.]. 10 ago. 2006. Disponível em: travessia poetica.blogspot.com/2006/08/permanencia-e-atualidade-da-poetica.html. Acesso em: 23 jun. 2021.

MARTINS, William. **Pole integra dança e esporte**. 2022. Publicada por Medium. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/pole-atividade-pode-ser-considerada-danca-ou-esporte-a901b2d56950>. Acesso em: 08 fev. 2021.

MATA, João da. **Erotismo, sensualidade e sexualidade como potências da vida**. Revista Nin: Editora Guarda-Chuva, mai. 2015.

OCTAVE, Gigi. **Um ensaio sobre festivais de pole dance: seu surgimento e a sede infinita por liberdade artística sem censura**. In: PoleFlix. E por falar em arte. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://www.poleflix.com/post/um-ensaio-sobre-festivais-de-pole-dance>. Acesso em: 18 mar. 2022.

OLIVEIRA, Andressa Karla da Silva. **Pole Dance: Contextos e aproximações com os estudos de Rudolf Laban**. Orientador: Karerine de Oliveira Porpino. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Dança, Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Porto Alegre: Saúde, Ambiente e Desenvolvimento, 2020.

PASSOS JUNIOR, Washington Luiz. **A Sensualidade Feminina Revelada no Tango**. 2014. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Educação Física, Departamento Acadêmico de Educação Física, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

PEREIRA, Tânia Cristina de Freitas. **A experiência do corpo no pole dance: por uma dimensão carnal do conhecimento**. 2015. 183 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Educação Física, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2015.

Pole Dance: Origens. Publicada por Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pole_dance. Acesso em: 10 fev. 2021.

POLE THEATRE BRAZIL - Studio Metrôpole. **Regulamento 2020**. São Paulo. 2020. 11 p.

RICH-D. **Hoochie Coochie Dancer**. 2012. Publicada por Urban Dictionary. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Hoochie%20Coochie>. Acesso em: 09 fev. 2021.

SAIDEL, Giorgia Barbosa da Conceição. **A Burla do Corpo: Estratégias e Políticas de Criação**. Orientador: Cássia Lopes. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Artes Cênicas, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, Rossana Oliveira dos. **Pole Dance: dança ou esporte**. 2018. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SCIASCIA, Lidiane; BROCHIER, Bianca. Nível Básico. **Capacitação De Pole Dance**. Porto Alegre, 2017

SILVA, Janaina Moreira da. **Respostas Fisiológicas Induzidas Pela Prática de Pole Dance**. Orientador: Keith Sato Urbinati. 2017. 28 f. TCC (Especialização) - Curso de Especialização em Treinamento de Força e Hipertrofia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

WOUTERS, Cas. **Sexualização e Erotização: emancipação e integração do amor e do sexo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1217-1237, out./dez. 2017.

WRUBLEVSKI, Matilde. 4 parede. #01 Cena e Censura | **Corpo: Uma Presença/Potência que Assusta**. [S.l.]. Atuante Agência Digital, 2017. Disponível em: <https://4parede.com/corpo-uma-presencapotencia-que-assusta/>. Acesso em: 9 mai. 2021.

APÊNCIDE A - ENTREVISTA

Roteiro de entrevista:

1. Na tua visão, quais são os elementos que compõem a pole dance?
2. Qual tua percepção sobre a relação esporte/dança?
3. Como foi participar dessa competição?
4. Como funcionou teu processo de criação para o evento?
5. Como funciona teu processo de criação no geral?
6. Como tu pensa os outros elementos? Figurino, cabelo, paleta de cores, iluminação...
7. Tu chegas a pensar sobre sensualidade no teu processo de criação? Se sim, como ela é pensada?
8. Como tu sente esse lugar profissional dentro do pole?

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1

Entrevistada: Bianca Brochier

Data: 22 de outubro de 2021

Local: Zoom Meetings

Kynaê: Na tua visão, quais são os elementos que compõem a pole dance?

Bianca: Bom, dá pra pensar sob várias perspectivas isso, na real, né? O pole é um fato social, então a resposta mais óbvia que eu te daria: Pole dance é uma forma de técnica corporal contemporânea, de uma sociedade capitalista que envolve práticas como dança, performance, acrobacias e uma expressão do sensual na sua forma “original”. Hoje em dia, eu acho que isso seria a definição do dicionário, mais ou menos, hoje em dia a gente já tem vários desdobramentos a partir daí, né? Porque ele ocupa vários lugares dentro da sociedade atualmente, então eu não encontro pole só no cabaret que seria aqui a tradução pro brasil né, eu não encontro só ali. Eu encontro ele em performances de circo, em estúdios, onde as pessoas praticam porque querem fazer uma atividade física, ou encontro em estúdios voltado pra uma expressão mais esportiva, ou pra uma expressão mais da dança, do sensual, encontro em campeonatos, em festivais... Que não circulam dentro desse do imaginário do trabalho sexual, que é diferente. Então a gente já tem esses outros espaços sendo ocupados pelo pole. Mas eu diria que é um mix de dança, com acrobacia, com esporte, com circo, com performance, tudo isso junto. Ai dependendo do espaço que ele tá vai se direcionado pra um lado ou pra outro.

Kynaê: Qual tua percepção sobre a relação esporte/dança?

Bianca: Então, essa é a maior polêmica do pole. Eu acho que, pessoalmente, eu não faço o pole como um esporte e eu não acho que ele seja um esporte porque pra ser um esporte tem que ter um conjunto de coisas acontecendo pra ser entendido como um esporte pela sociedade. É claro que hoje em dia tu pode argumentar que sim porque tem campeonatos, tem livro de contagem de pontos pela IFPS lá, a Ligia vai poder falar melhor sobre isso contigo, porque existe toda uma organização esportiva justamente com essa agenda né, de mostrar que o pole pode sim ser um esporte, e eu acho que sim, pode ser um esporte, caso esteja participando dentro dessas regras e desses espaços. Eu, pessoalmente, não encaro como esporte, não trabalho como esporte. Eu trabalho como uma atividade física. Aí uma atividade física pode ser de diversas formas né. A dança, entra como atividade física, o pilates não é um esporte, mas é uma atividade física, o yoga. Tem muitas práticas corporais que são atividades físicas que não são um esporte em si. Assim como tem campeonatos de dança, né? Mas não é esporte. Acho que o pole entra mais

nesse sentido. As pessoas têm essa questão por causa dessa movimentação pra desagregar o pole da imagem inicial dele que é do cabaret, do trabalho sexual, né? Então, a galera ficou batendo muito nessa tecla e pra mim não faz sentido ficar separando. Não precisa, eu acho. Não precisa separar, ignorar essa parte da história pra ser respeitado. Eu acho que todo mundo tem que ser respeitado independente de onde esteja ou porque está fazendo, né? Eu sou dessa opinião. Mas por que que não dá pra respeitar as pessoas que querem dançar no cabaret pra fazer o seu trabalho? É um trabalho! A pessoa está trabalhando com a dança erótica, com a dança sensual e isso envolve o pole. Inclusive, você não estaria fazendo pole se não fosse por essas pessoas. Vamos voltar porque tem o que olhar, tem o que admirar e reconhecer. Enfim, eu acho que pode ser um esporte sim, tem gente que encara como esporte e tem gente que participa das competições que são de cunho esportivo e tem gente que não. São dois mundos separados, é bem louco. Quando eu estouro a bolha e entro na bolha do pole esporte eu fico: meu deus, quem são essas pessoas? O que elas estão fazendo? Por que elas estão fazendo assim, dessa forma? Eu realmente não faço parte, não conheço. Tem uma galera que trabalha com isso especificamente e vive de participar de campeonato, de organizar coisas. Eu acredito que seja a minoria porque pra tu trabalhar com pole esporte tu precisa ter uma disposição e disponibilidade muito específica. Para tu encarar algo como esporte tu precisa, principalmente quem compete, precisa encarar que tu é um atleta né? Se tu vai dar aula de pole esporte também é diferente. Eu acho que entra muito... O pole esporte pega muito das ginásticas. Ginástica rítmica, olímpica, artística. Entra nesse mundo que é tipo assim, tu vai te rasgar até última fibra muscular. Aí entra uns bagulhos absurdos que só quem é atleta ou artista circense extremo faz. Então tu precisa de um tempo de dedicação e um tempo de treinamento que pra uma pessoa regular, uma pessoa normal, uma pessoa de 30 anos, de 40, que não é ativa fisicamente ou que não tem um extensivo background de práticas, não vai chegar ali e fazer aquilo assim. Não é o público. Talvez tenham pessoas que se encaixem, né? Mas é muito mais difícil agregar essas pessoas porque tá mais focado no desempenho esportivo de coisas que são extremamente difíceis. As pessoas mal conseguem tocar com a mão no chão, sabe? Tu vai querer que ela ponha a bunda na cabeça? Muito difícil. Por isso que eu acho que a maior parte do público de pole e das pessoas do pole ainda trabalham como dança ou como acrobático mais suave, não é o esporte. Porque aí engloba muito mais gente, envolve muito mais possibilidades de aula e de público, de cliente.

Kynaê: Como foi participar dessa competição?

Bianca: Vou começar dizendo que eu sublimei um pouco dessa viagem, tá? Porque na hora que eu fui me apresentar, eu errei um negócio no começo e me desestabilizou tudo e fiquei super chateada, na real. Então, assim, eu só ignorei o campeonato. O que foi de bom nessa viagem é que eu conheci várias pessoas e me aproximei de várias pessoas. Foi muito divertido fora o campeonato, assim. 22:00

Olha, foi o primeiro campeonato que eu fiz, né? Então, até aquele momento na minha vida no pole, eu sempre tive vontade de participar de campeonato, porque eu achava que era necessário pra eu ser vista fora daqui, fora do sul. Porque aqui a gente ainda fica meio isolado, porque o centro rio, são Paulo e minas são o que movimenta mais, né? Então, apesar de sempre viajar pra são Paulo, conhecer as pessoas e tal, sentia que precisava me apresentar num palco de campeonato, como uma oportunidade de apresentar meu trabalho. Não tanto pra ganhar, mas pra fazer uma boa apresentação. Então, eu pensei, vamos lá, vai ser esse momento. Eu tive oportunidade de dar workshops quando eu tava lá, eu tive a oportunidade de ensaiar num estúdio grande, conheci pessoas que eu queria conhecer, esse é o meu momento. Eu tava no segundo ano do velvet e estava indo super bem. Já me apresentava a anos no Vontese, no velvet, né? Então eu pensei, ai, acho que agora eu to blindada, to preparada pra fazer o meu debut no campeonato. E um campeonato que eu gostava, porque tem isso também, tem certos eventos, campeonatos, que dependendo de quem organiza, tu fica meio: será que que quero?

Aí naquele momento eu já estava mais inserida na comunidade do pole, já conhecia outras pessoas. O campeonato mineiro sempre foi uma coisa mais de campeonato artístico então eu sabia que o que eu mostrasse ia ser apreciado de uma forma ou de outra, se não fosse pelos jurados, ia ser pelos meus pares que estariam lá comigo no palco no final de tudo. Tem isso de quando tu participa de coisas artísticas é legal, né? Tu tá num ambiente com pessoas que tu admira né? Não com teus competidores, sabe? A minha que tá competindo contigo, ela é muito foda e tu gosta muito do trabalho dela. Então vai ser muito massa. Todo mundo se ajudou. Fui super acolhida lá no *backstage*. Eu tava muito nervosa, mas foi muito legal porque todo mundo super abraçou e tipo, foi muito massa. Aí o que aconteceu: quando eu pisei no palco, eu fiz a minha primeira parte da sequência. Eu tinha montado uma estruturinha, umas coisas que eu queria fazer e depois da primeira invertida, tu até pode ver no vídeo não acontece nada de errado, mas eu precisava ter tido uma trava super bem presa e eu não consegui, ela ficou meio solta, daí eu fui me desenroscando do truque, delicadamente assim, com carão, mas a partir dali minha mente fez tipo... Sublimei na minha cabeça, perdi totalmente a noção de espaço, de tempo, de tudo. Eu não sei o que eu fiz depois. Eu só apaguei. Aí eu fui dançando e a música era super

dramática e a minha apresentação era sobre ansiedade, depressão. Eu tava nesse espaço naquele momento. Foi bem assim, olhando hoje em dia, eu penso assim: olha, perfeito né, a pessoa trabalhando assim sobre ansiedade e depressão e aí tem uma crise no meio do palco. Perfeito, né? Performance na sua arte pura. Então eu saí bem arrasada, saí triste, saí decepcionada, saí puta. Aí eu pensei: quer saber? Foda-se. O resto da viagem eu aproveitei muito. Com a Luiza Alfenas, com Marcelo. A gente saiu pra beber todos os dias. Eu tava num hotel. Aí foi muito bom assim, o resto foi ótimo. Mas sei de um fato curioso muito engraçado. A música era bem pesada. Na minha cabeça não era pesada, mas depois que eu terminei... Quando eu ouvi aquela música alta no palco fiquei... UH! Ui, menina, que cara e coragem você dançar um negócio desses no campeonato. Parabéns! Pensa sempre quando vai escolher a música se ela soa bem em volumes estratosféricos. E assim, talvez distorcido né, porque a gente nunca sabe como é que o som do lugar. Foi uma coisa meio caótica assim, a minha apresentação, de verdade. Mas quando eu saí do palco, no final do campeonato, veio uma das juradas e falou pra mim assim: Ai, parabéns! Com um tapinha no ombro assim. Aí veio essa jurada que é do *exotic*, aí ela veio e falou assim: Ai, parabéns pela tua apresentação. Muito diferente, né? Aquele momento assim tu pensa: Obrigada. Eu devo ter feito uma cara, tipo vai tomar no cu. Não! Não acredito que tu tá falando isso. Ela ficou meio constrangida, eu fiquei meio tipo.. Eu sei que eu fui a mais estranha de todas, que eu sou estranha, eu sei o que eu to fazendo (poética – identidade de dança) sabe? Mesmo que naquele momento eu tenha perdido totalmente a noção quando eu tava no palco, mas minha proposta era bizarra, era uma coisa bem dramática. Eu tava no dia do salto né. O dia que era pra ser... Aí o campeonato tem dois dias de competição. Tem o dia que é pole art, mas era, aí, coisas sem salto, aí tinha os níveis tipo: iniciante, básico, intermediário, profissional. Aí vai por categorias e cada categoria tu pode fazer tais e tais coisas e outras são proibidas. Aí tinha o segundo dia que era o dia do pole *classique* que é o pole com salto, então tu era obrigada a usar salto. Enfim, eu ignorei totalmente a parte do sensual, eu fui dramatizar de salto e aí foi isso. Ficou estranho.

Kynaê: Tu foste em qual categoria?

Bianca: Eu não fui no iniciante porque não fazia sentido. Eu podia ter ido no iniciante porque eu nunca tinha feito nenhum campeonato. Eu acho que eu fui no amador. É... amador. Apesar de eu ser profissional né, mas é que eu nunca tinha ido em nenhum campeonato e minha execução não iria ter nada de estratosférico, nenhum truque mirabolante, então eu achei que não fazia sentido eu estar em outra categoria, mas também não fazia sentido estar no principiante porque é tipo pras alunas competirem.

Kynaê: Como funcionou teu processo de criação para o evento?

Boa pergunta! Não sei se eu tenho uma resposta pra ela. Eu fui bastante pela música e pela banda.

Kynaê: Qual a música que tu escolheu?

Bianca: Foi *Nin Inch Nails* e foi no álbum “mais suave” deles que é *The Fragile* que é aquele álbum gigante deles. Que tem todas as músicas mais depressão da face da terra. É, mas eu tava num momento assim que eu tava muito mergulhada numas músicas deles e nas histórias, todo rolê assim. E eu tava numa fase que agora que eu reconheço que eu tava numa depressão fudida. Então eu tava bem mal, mas ao mesmo tempo eu conseguia ir e ouvir essas músicas e dançar elas. Então eu peguei uma delas pra tipo meio que botar ali o meu foco e exorcizar. Foi uma ideia boa? Não, porque depois pensando assim, eu não consegui trazer a clareza ou a... como eu digo? O trabalho técnico e juntar com a emoção. Eu fiz o meu trabalho técnico, eu fiz o meu trabalho emocional e as duas coisas não se juntaram. Então, acabou que chegou no dia e tava desconectado, sabe? E eu acho que quando a gente se apresenta, o ideal é que esteja tudo junto, né? Tudo bem conectado, que a gente consiga entrar naquele estado de presença e que tu esteja segura com o que tu tá dançando e tal. Não é que eu não tava segura, eu tava, mas eu fui naquele processo de ir improvisando e criando. Eu separei a música em algumas partes, eu pensei: ah, aqui eu vou fazer um *low flow*, vou fazer alguma coisa mais na parte de baixo da barra, e aqui eu vou vir pelo chão pra outra barra, na outra barra eu vou fazer tal e tal coisa, mas sempre com aquela coisa de deixar um pouco aberto pra poder dar os meus contornos caso precisasse. Aí acontece que não rolou. Eu botei uns truques no começo e era uma coisa que eu tava fazendo fazia tempo, fazia tranquilo, com um pouco de medo, mas tranquila, não tinha nada muito perigoso, não tinha nada como dar muito errado de fato, mas no momento falhou ali e aí eu caguei tudo. Tudo bem. Aí quando cagou isso daí, eu entrei na parte só da emoção. Mergulhei no som, na música e só fui, na hora da apresentação. Acho que fiquei um pouco com... Durante os ensaios, acho que fiquei um pouco com medo de entrar nessa parte da emoção. Então eu fui acumulando, acumulando, até que chegou lá e explodiu. Só que é assim, em geral, as minhas performances mais contemporâneas, como no dark cabaret, é mais ou menos isso que acontece, eu vou trabalhando mentalmente, trabalho um pouco do físico desconectado e na hora que eu consigo acessar a coisa, aí vem muito potente, né? Eu, na minha cabeça, ia fazer a mesma coisa, só que eu ignorei que eu ia tá pela primeira vez num campeonato sozinha, num palco na puta que pariu que eu não sabia como é que era, tipo assim, eu ia estar num ambiente totalmente descontrolado, sem controle nenhum sobre o que tava acontecendo, então aquilo ali me

desestabilizou né. Mas a princípio era essa a ideia, eu acho, falando agora contigo me dou conta de que era mais ou menos essa minha estratégia.

Kynaê: Como é no geral o teu processo de criação?

Bianca: No geral é isso mesmo que eu faço porque foi como eu aprendi a fazer. É o jeito que eu tenho pra criar as coisas, sabe? Eu normalmente escolho uma música, eu parto de uma música, em geral, pra depois dar o tom. Então eu separo em partes que pra mim fazem sentido, não necessariamente a contagem, às vezes é tipo tá de um jeito aqui e aqui vai mudar ou então estrofe/estrofe/refrão/estrofe/estrofe. Vou pegando isso ou às vezes alguma marcação instrumental. Nem sempre é óbvio. Aí eu vou trabalhando as movimentações. Normalmente faço improvisos em cima da música pra ver o que aparece de movimentação, aí eu abraço esses improvisos, boto no liquidificador e faço assim... Aí acaba acontecendo coisas que se repetem. Eu normalmente gravo, eu olho e penso: isso ficou muito legal, vou investigar um pouco mais isso e aí disso vai se tornando aqui, vai alinhavando um pouco da sequência. Quando eu me proponho a colocar truque, que daí é uma coisa mais acrobática e tu precisa de um pouco mais de calma pra fazer, pra não dar tudo errado. Eu já escolho de antemão os truques que eu quero fazer. Tipo: ai nesse momento eu vou subir na barra giratório. Não faço tanta coisa na barra giratório, eu sei que eu faço tal e tal coisa muito bem e to muito acostumada, meu corpo responde muito bem. Então eu vou fazer isso e isso, daí eu acho maneiras de entrar e sair desses truques de uma forma que fique fluida. Então a minha improvisação vai ser a entrada e a saída. Estar aberta a fazer isso de uma forma que não fique ruim ou horrível. Então vou sempre pelo lado mais seguro quando é sobre o truque. Quando é sobre a dança e o *flow* é mais de boas, eu não tenho muita escolha. Eu vou fazendo e aí... o que eu to treinando no momento, que eu acho que faz mais sentido, não adianta buscar um bagulho lá de 30 anos atrás que eu vou fazer agora porque vai ficar completamente diferente não vai ter o tom que eu quero, não vou estar acostumada. Então eu vou pelo que eu to fazendo no momento. E os truques também né. Os truques é que mais me sinto à vontade. Aí é isso, vou construindo em cima da música. Muitas vezes eu nem faço assim... eu escolho a música, mas eu tenho um pouco de medo de enjoar dela. Então eu faço tipo uma playlist ou um, ou se é de um álbum de um artista que eu gosto, ouço o álbum inteiro e vou dançando em cima do álbum inteiro ou em cima daquela playlist especificamente pra também dar outros estímulos no corpo. Aí vou catando outras coisas que vem outras músicas, mas coloco na que eu vou me apresentar também. As vezes dá umas coisas diferentes.

Kynaê: Quando tu precisas criar uma performance pra algo, como é teu pensamento pra outros elementos como maquiagem, figurino, etc.?

Bianca: Legal. Normalmente eu visualizo muito bem o que eu quero. A minha cabeça funciona muito por imagem, então o que eu normalmente faço é fazer um *moodboard*. Eu entro no Pinterest, monto, vou sacando referências e coisas aleatórias, fotografias, às vezes nem é sobre... figurino e maquiagem, normalmente eu nem salvo coisas que são figurino e maquiagem, normalmente eu salvo tipo imagens de inspiração e aí vai tendo tipo tons de cor, vai tendo cortes, desenhos geométricos. Então tudo isso vai informar mais ou menos o que eu vou escolher depois, a estética que eu quero que apareça. E pra mim, música tem estética muito clara, assim, quando eu ouço uma música, eu consigo ver que cor que é, eu consigo ver onde é que ela tá ambientada, como é que é essa cena, pra mim eu imagino uma cena na minha cabeça, como se fosse um filme, então quando eu ouço a música eu tenho essas, eu consigo visualizar algumas coisas e aí depois é só conseguir transpor isso no figurino, na maquiagem, no cabelo. Que mais? Eu não sei, mas no mineiro era legal porque a gente podia escolher inclusive a iluminação. Mas em geral não dá né? Eu também mandava tudo meio de acordo.

Às vezes a gente não tem tanto essa visão que a iluminação é uma coisa bem específica né. Quem trabalha com iluminação é muito focado. Ai, como que é teu figurino porque se tu colocares uma luz tal em cima de um figurino tal não vai ficar bom, não vai dar pra ver ou ai, é pra não ver, então tá! Então ta legal. Tem todo esse trabalho que quem é leigo não vai conseguir captar muitas vezes.

Mas é isso eu normalmente consigo imaginar uma cena ou imaginar um tipo de estética que eu quero trazer praquela apresentação, praquela número e tudo isso meio que se forma. Claro que, em geral, como a gente apresenta no pole dance tem essa mania de apresentar uma vez só uma coisa, inédito, imperdível. ... continuar trabalhando em cima do negócio seria o ideal na real porque a gente nunca consegue trazer tudo que a gente quer na primeira vez, sabe? Sempre ai, figurino foi meio cagado, então daria pra melhorar um pouquinho né, pra continuar desenvolvendo, mas é isso.

Kynaê: Tu chegas a pensar sobre sensualidade no teu processo de criação? Se sim, como ela é pensada?

Bianca: Interessante. To pensando se eu penso, eu diria que não. Eu não penso especificamente sobre sensualidade. Não no sentido que as pessoas entendem que é sensualidade. Tipo em te seduzir, não nesse sentido. Eu acho que eu penso no sentido de sentidos. Sentidos do corpo. E ai a partir disso que eu vou construindo essa movimentação, essa coisa que as pessoas acham

sensual. É meio louco pensar nisso, por isso que muitas vezes eu nem falo sobre sensualidade no pole, porque pra mim é uma coisa meio instintiva. Eu não racionalizo muito. Eu acho que tanto porque o pole, pra mim, inerentemente é sensual, sempre vi como uma coisa sensual. Nunca desatrelei isso dele, inclusive comecei porque era sensual. Meu contato já tinha sido esse desde o princípio, eu não achava nada de errada com isso. Ao mesmo tempo eu não tinha, não achava que eu era sensual. Pra mim sempre foi: ah eu faço pole, olha os bagulhos que eu to fazendo, as acrobacias. Legal. Aí as pessoas jogaram na minha cara que eu era muito sensual, aí eu fiquei tipo: você tem certeza sobre isso? E as pessoas: sim, temos muita certeza. Aí eu fiquei: é, eu acho que vocês estão certo. Acho que eu também acho que eu sou sensual. Mas é porque eu sempre parti do princípio de que eu vou dançar muito honestamente. Então se eu vou dançar o que eu sou e como eu sou, é isso que vai aparecer. Se as pessoas interpretam isso como muito sensual, bom né, quem sou eu pra discutir com a interpretação das pessoas, sabe? Mas a princípio assim eu não penso sobre isso no cerne das minhas danças, das minhas apresentações. Eu só faço o que eu gosto de fazer e vai pra esse lado.

Eu nunca vou me esquecer. Teve uma vez muito emblemática que eu fui, era uma noite no Vonteese, e era quando eu tava no High Heels ainda e aí a gente convidou uma aluna pra se apresentar, ela era toda certa, toda do pole esporte, mas ela gostava de dar uma sensualizada, mas ela tinha um marido militar, ela era mãe, ela tinha filhos, ela era uma mulher mais velha, mas enfim, ela era maravilhosa. E ela brincou comigo, ela disse: ai, não vai fazer uma coisa muito sensual, né? Eu disse: não, essa performance que eu vou fazer hoje vai ser bem mais contemporânea. Na minha cabeça, eu tava arrasando, sendo muito contemporânea, entendeu? Eu fiz de pé descalços, fiz tipo uma roupa normal, nada de fio dental, nada disso. Fui toda trabalhada na expressão corporal e tal. Aí quando acabou a guria olhou pra mim assim: ah, tá que isso foi contemporâneo, acho que foi tua apresentação mais sensual que já vi. Aí me quebrou a cara né, eu pensei... Quando eu to fazendo a coisa mais contemporânea que eu acho que eu to fazendo, as pessoas acham que eu to sensualizando muito. Então deve ser uma coisa minha né, não é possível. Não faz sentido. Mas enfim, né, as pessoas te sexualizam e te objetificam como elas bem querem. Eu acho que o sensual também vem desses espaços de tu se expressar com honestidade e trazer emoção, e trazer sentimento e despertar os sentidos das pessoas. Isso é muito difícil, na real. Não é todo mundo que consegue trazer isso pro palco e pra não ficar aquela coisa mecânica. Eu fazendo essa rebolada aqui, mas essa rebolada não tá... Se tivesse ou não, não faria diferença. É diferente de tu dar AQUELA rebolada. Eu acho que a sensualidade vem muito dessa possibilidade de se conectar com o outro. É quando tu vê uma pessoa que tá muito receptiva no palco, é tipo, é outra coisa, é outra intenção. Tu vê que nossa,

maravilhoso. Tu percebe. O público percebe e tu enquanto bailarina percebe. É uma diferença, muito sutil, mas é real.

Kynaê: Como tu sente esse lugar de artista do pole?

Bianca: Boa pergunta. Eu sinto que é um lugar inexistente, quase. Eu sinto que ele quase não existe. Num sentido de tudo se mistura, assim. Pra tu ser artista de pole, num geral, tu é um profissional instrutor ou tu é dono de alguma coisa e aí, assim, eu acho que hoje em dia tu ainda consegue achar pessoas... alunas ou pessoas independentes mesmo que praticam pole realmente são artistas do pole. Não necessariamente se apresentam como instrutoras de pole. O que é muito, porque é muito recente também, tu não tem tanto circuito pra isso. Eu acho que tem essa questão também. E tu não ter espaço de encarar o pole como uma arte válida. Acho que circo já é bem mais válido, por exemplo. Mas o pole ele entra nesse limbo que eu até falo no meu TCC que a gente não sabe se é dança, se é circo, se é esporte, se é... o que que é, né? Primeiro que é uma coisa muito recente e segundo porque realmente mistura muita coisa e dá muita possibilidade pra muita gente diferente. Então é um universo que pode ser gigante, mas ainda tá minúsculo, sabe? Eu acho que é o artístico tá nessa parte minúscula. É essa bolinha aqui. Que a gente habita. Tanto que eu demorei muito tempo assim pra me encarar como uma artista de pole porque onde é que eu to fazendo essa arte? Pra quem que eu to mostrando essa arte? Em que espaços ela está acontecendo? Não tem né. A gente teve oportunidade no ter o Vontese um espaço pra pole no brasil inteiro, não teve outro lugar que abraçasse assim, dessa forma. E ainda era um espaço de bar né, não é uma cena, não é um teatro, não é... Enfim... A gente ocupa ainda esses espaços independentes, marginais, querendo ou não. Não to dizendo que nossa, a gente é marginalizado, mas é que não tá no *mise en scène* oficial das artes. Isso é bem louco assim. Então eu diria que ele é quase inexistente, mas que está ampliando cada vez mais. E eu fico muito feliz, na real. De ver essa ampliação acontecendo e ver mais espaços e também as tuas ideias, enfim... Acho que tem muito lugar ainda pra ocupar e fazer essa arte.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2

Entrevistada: Lígia de Jesus

Data: 22 de outubro de 2021

Local: Zoom Meetings

Kynaê: Na tua visão, quais são os elementos que compõem a pole dance?

Lígia: Acrobacia, dança, superação. Eu acho que tudo isso a pessoa pratica isso durante a aula. Baseada na aceitação, eu acho que a pessoa tem que se aceitar pra estar ali. Acho que algo com amor, amor-próprio, né?

Kynaê: Qual tua percepção sobre a relação esporte/dança?

Lígia: Eu acho que são coisas completamente diferentes porque hoje as duas vertentes já estão sendo bem mais aceitas, eu acho que aquela rixa de dança com pouca roupa e salto é uma coisa e se é esporte é outra. Eu acho que sim que é, mas a gente já está aceitando de forma mais leve. Uma coisa que eu vejo, como eu fui atleta bastante tempo, praticamente 5 anos eu fiquei envolvida com campeonatos. Muita gente fala, se coloca de um lado que é praticante de pole esporte, mas na verdade não são. Porque pra mim quando se pratica o pole esporte, tem que estar vinculado a uma competição, tem que estar participando de uma disputa. O esporte é uma atividade onde tu quer vencer, então se tu não tá passando por um tipo de avaliação, se tu não tem um adversário e uma competição, tu não pratica o esporte. Tu praticas a acrobacia, acrobacia que é usado no pole esporte. Então, eu acho que o pole esporte é uma coisa, o pole acrobático é outro e o pole dance ele é um pouquinho do acrobático com foco em, bem longe da parte do esporte né. Não é uma competição, não é uma avaliação e sim a parte que eu acho mais gostosa, de lidar com seus sentimentos, a parte mais artística. Eu acho que a dança, o pole dance, está interligado com a expressão do sentimento, da arte e não com o desafio, com a competição com o outro. Eu acho que essa é a diferença entre o pole dance e o pole esporte ou acrobático.

Kynaê: Como foi participar dessa competição?

Lígia: Desta última, deixa eu ver o que vou te dizer... É que nesta última eu já estava me despedindo, me desligando dessa parte acrobático, de desafio, de esporte e eu já não me preparei tanto quanto nas outras, então eu fui mais pra curtir. Ah, vou fazer o que der e fiquei bem feliz. Mas eu acho que essa participação no último campeonato, não reflete, não transmite o que foi participar de todos os outros. Mas de todos os outros o que eu mais trago de resumo, de

lembrança foi a superação. Porque teve campeonato que eu participei por 5 anos seguidos, 2014, 2016, 2017, 2018 é 5 anos seguidos, então dava pra ver a evolução de um ano pro outro. E eu acho que é mais a questão de aprendizado, que eu vou aprender pra próxima experiência e de superação, estar se superando e evoluindo aquela prática. Acho que isso é o que mais eu trago comigo assim desse período todo de atleta.

Kynaê: Como funcionou teu processo de criação para o evento?

Lígia: Esse foi a primeira vez que eu fui competir com um código diferente do que eu tava acostumada e o processo de criação é: decidir a inscrição, depois ler e reler um bilhão de vezes o código, escolhe a música, escolhe um tema, um estilo de performance e depois, como são vários critérios que são avaliados, eu peguei primeiro os movimentos obrigatórios que eram onze, se eu não me engano e depois a bonificações e por último o artístico, que é a parte que eu não considero a minha melhor né. Sou melhor na parte técnica e limpeza de movimento do que na parte artística e obviamente eu acabo deixando por último a parte artística, né? Se der tempo eu tento, se não der vamos só na ogrida, só na acrobacia mesmo. Então, foi isso. Eu fui seguindo o código, montando a coreografia, treinei algumas vezes um tempinho antes e fui pro palco, assim. Eu não deixei de fazer a elaboração da coreografia que nem eu sempre fiz nas outras vezes, só que claro que eu me dediquei menos com os treinos paralelos, porque nos outros campeonatos além do pole acrobático eu treinava outras modalidades pra manter força, mobilidade, resistência. E dessa vez eu já tinha largado tudo, eu já tava tipo: ah não, vou só fazer essa coreografia e ver que vai dar. E eu fiquei com uma nota razoável até, não me lembro agora. Mas eu fiquei na classificação na metade pra frente.

Kynaê: Qual era o tema?

Lígia: É que tem que ser música instrumental, né? Mas eu dancei uma música com tema de guerra, uma música bem forte.

Kynaê: Como funciona teu processo de criação no geral?

Lígia: Eu procurava sempre me inscrever bem cedo nas competições pra ter tempo de me preparar e primeiro pegava um código, escolhia os movimentos obrigatórios e depois a bonificações e já montava a música, depois se sobrava uma lacuna, eu ainda contratava professoras de dança particular pra fazer o artístico. Então eu pegava alguém da área da dança mostrava o que eu tinha já de acrobacia, pra pegar movimentos mais leves de transição de barra, em cima, firula, mexidas de cabeça, de braço. Aí sim eu fazia com alguém da área da dança.

Porque eu sempre fui bem mais voltada pra área da acrobacia. A nota da composição técnica da coreografia eu sempre fiquei responsável por ela, agora do artístico não, pedia auxilia. Então é mais ou menos isso, montar a coreografia com os movimentos obrigatórios, as bonificações, depois a parte artística. Na função de viagem também, que daí tendo estúdio era sempre uma confusão que tem que deixar o estúdio pra viajar. E figurino também é uma nota obrigatório, pensar nisso também eu deixava sempre pra fazer bem cedo, não deixava pra última hora pra não ficar louca. Mais ou menos foram 5 anos assim. Teve anos que participei de 5 campeonatos numa vez só. Daí é loucura porque cada um pede uma coisa, tu tens que ir aprendendo obrigatoriedade que às vezes tu não faz e tem que aprender pra colocar na coreografia.

Kynaê: Como tu pensa os outros elementos? Figurino, cabelo, paleta de cores, iluminação

Lígia: Iluminação a gente nunca teve opção, acho que é um pouquinho diferente da parte de feiras, mostras, festivais de pole porque tem que ser sempre bem claro, não pode ter jogo de luz, porque os jurados têm que ver com perfeição os teus erros. E a questão da roupa, sempre segui o tamanho, porque não podia de jeito nenhum mostrar bumbum, peito tem que ser bem coberto e a roupa sempre de acordo com o tema ou história da coreografia. Teve uma vez que foi uma coreografia que eu fiz de colegial, tipo *cheerleader* e aí foi uma roupa bem caracterizada. Até foi o campeonato que eu ganhei o primeiro lugar e ela era toda bem produzidinha, nos tons, no tecido, a gravatinha do colegial, então acho que isso é bem bacana quando a gente consegue se dedicar e investir mesmo. Que história eu estou contando através dessa performance né?

Kynaê: Pra essa última apresentação como era teu figurino?

Lígia: Marrom, em tons de guerra, marrom com dourado e tipo meio que não sei se era da tua época aquela Xena princesa guerreira, por aí. Mas é que também no pole acrobático, no pole esporte não pode acessório, não pode nada no pulso, cabelo tem que ser preso, se limita bastante. Não é tão legal quanto festival, festival dá pra criar muito mais.

Teve uma outra vez também que eu fiz mais de uma vez a performance da música Hallelujah que é bem instrumental, bem bonita e aí foi um figurino todo branco em baixo com bordado em cima. Parecia algo mais angelical.

Kynaê: Tu chegas a pensar sobre sensualidade no teu processo de criação? Se sim, como ela é pensada?

Lígia: Na parte do pole esporte, não. Não tem absolutamente nada vinculado, não é permitido movimento de quadril, não é permitido movimento de bater cabelo, tem que ser sempre temas

que não remetem à sensualidade, religião e política. Então tipo não pode ter nada disso na performance, então a parte de pole acrobático, zero, nada voltado à sensualidade. Mas nas aulas, nas minhas práticas, no geral sim, já fiz coreografia de *pleaser*, de saltão e acho bem incrível a forma como a gente tem de usar a barra como acessório pra sensualizar, pra seduzir, pra se exhibir. Acho que isso tem tudo a ver, é até uma mentalidade, uma opinião que eu venho construindo com o tempo, porque no início eu entrei tão forte no pole acrobático que eu pensava não tem nada a ver, pra que barra pra sensualizar? Vamos sensualizar na cadeira? Na cama, na mesa, na parede. Mas eu não via a relação da barra com a sensualidade, eu tava totalmente mergulhada no pole acrobático e com o tempo fui vendo, não acho que é legal ficar aqui fazendo *bodywave* na barra. Porque a barra é um acessório pra nós o uso dos 4 metros, no pole acrobático, pole esporte, mas eu ficava pensando, pra que barra se a pessoa não sobe, só quer rebolar e fazer firula ao redor, mas eu vejo que não, que é um acessório interessante pra fazer a parte só de dança. Mas realmente assim, quando se fala de pole esporte não tem nada a ver. Às vezes eu esquecia que pole também é uma dança sensual né?

Kynaê: Como tu sente esse lugar profissional dentro do pole?

Lígia: É uma coisa muito mágica assim porque a questão da superação e sair do palco assim feito uma performance que a gente treinou. Teve campeonato que eu treinei 4 meses antes, 4 meses antes eu já sabia os movimentos que eu ia executar, a música que eu ia dançar e já tava treinando, imaginando que eu estava apresentando né? É muito bom, é muito gratificante e realmente o vínculo com a questão do empoderamento, do eu ser capaz, é maravilhoso. Porque eu pegava em alguns momentos pensava assim: meu deus, como que eu vou fazer isso? Vou conseguir fazer isso treinando e cada treino, cada vez que aquele movimento saia te causa uma autoestima assim surreal, né? Porque eu cheguei a categoria profissional e sempre que eu treinava os movimentos separados eu pensava: meu deus, até que ta indo, mas como é que eu faço tudo isso junto. Aí chegar lá e conseguir é muito bom. Eu acho que o que define assim o ser atleta é ser uma pessoa extremamente persistente e acreditar. Tem que acreditar. Se não fosse eu olhar pro momento, olhar pro código depois de ter inscrito a coreografia ter dito “eu vou fazer isso daqui” eu não conseguiria. Tem que acreditar que aquilo é possível e ser bem persistente define a vida de um atleta.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1

1 Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Artigo definido indicativo do feminino singular: A POLE DANCE”, que tem por finalidade utilizar a noção de poética associada ao processo de criação para ajudar na aproximação da pole dance do campo da dança que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Kynaê Primon Narciso, aluna do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profª Drª Mônica Dantas Fagundes. Se você aceitar participar da pesquisa, será convidado a fazer uma entrevista gravada pela plataforma Zoom.

2 Participantes: O principal responsável pela pesquisa é Kynaê Primon Narciso, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Jacob Vontobel, 368 apartamento 603, ou pelo telefone: (51) 999282065.

3 Sobre o depoimento: Trabalharemos com depoimentos individuais, com duração entre 20 a 40 minutos, para colher informações sobre seu trabalho. O depoimento será realizado em encontro pré agendado. Ele será gravado, depois transcrito e posteriormente será enviado a você para que possa conferir o que foi registrado. Se você julgar pertinente, poderá retirar ou acrescentar alguma informação ao texto fornecido.

4 Riscos: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

6 Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pela pesquisadora responsável pela pesquisa para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS.

7 Benefícios: ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, aumente o referencial teórico sobre Pole Dance.

8 Despesas: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, venho solicitar o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu _____ fui suficientemente informado a respeito do que li, descrevendo o estudo “**Artigo definido indicativo do feminino singular: A POLE DANCE**”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

Assinatura do participante da pesquisa

Local

____/____/____
Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável legal pela pesquisa

Local

____/____/____
Data